

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO**

A CONSCIÊNCIA EM FREUD

MARTA NORA ONETO DE CESAROTTO

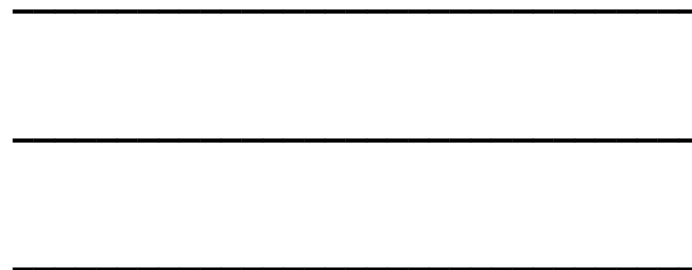
**SÃO PAULO
2006**

MARTA NORA ONETO DE CESAROTTO

A CONSCIÊNCIA EM FREUD

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof.º Dr. Luís Claudio Figueiredo.

**SÃO PAULO
2006**



AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado da participação e do estímulo de muitas pessoas.

Muito Obrigada a

Pontifícia Universidade Católica pela oportunidade
Luis Cláudio Figueiredo pela orientação e pelas aulas
os professores e funcionários
os colegas pela colaboração
Pedro Luiz Ribeiro de Santi e Sidnei Cazzeto pelas decisivas
contribuições

especialmente grata a

Maria Jose Pereira Montenegro pela amizade e companheirismo
amiga Isabel Castelo Branco pela valiosa ajuda
meus amigos pelo alento e carinho
minha analista Suzana Foster e Fulfaro
o supervisor clínico e amigo Tovar Tomaselli
os meus pacientes

a minhas filhas queridas Teresa e Romina

a meu querido filho Yuri

a Oscar

RESUMO

Este trabalho focaliza a consciência na teoria freudiana. Destacando o inconsciente como objeto da psicanálise, Freud nunca deixou de considerá-la como um fenômeno essencial, basta lembrar que a nomeação das três instâncias que constituem o psiquismo foi feita levando em conta, especialmente, a sua relação com a consciência.

Em português a palavra consciência alude tanto ao atributo que permite o conhecimento de uma coisa, a representação mental que um organismo tem da própria existência ou do mundo externo, assim como designa a faculdade de distinguir o bem do mal, ou seja, o sentimento da moralidade e do dever. Na língua alemã, ambas acepções se apresentam discriminadas, a consciência psicológica corresponde o termo *Bewusstsein* que aponta para o conhecimento claro e concreto, enquanto que para a consciência moral, entendida como função da subestrutura superegoica. Freud optou por reservar o termo *Gewissen* que denota um saber com certeza, mas com um sentido mais abstrato.

Esta pesquisa teórica acompanha o desenvolvimento da noção de consciência conjuntamente com o de consciência moral, desde 1895 até 1932, e foi norteadada por uma frase presente na que Freud manifesta a necessidade de reavaliar o valor da consciência. Para o criador da teoria psicanalítica, a diversidade dos problemas da consciência, a tornavam um fenômeno refratário a qualquer explicação e definição. Por diversas vezes ao longo da obra, expressou a intenção de fazer uma investigação mais profunda a respeito da consciência, mas nunca chegou a concretizá-la.

Palavras-chave: consciência; consciência moral; inconsciente.

ABSTRACT

This work focuses the place of consciousness in the Freudian theory. Having the unconscious as the major concept in psycho-analysis, Freud did not neglect this essential phenomenon. For example, the three instances that divide the psychism were named by appointment.

In Portuguese, the word consciousness means the attribute that allows the knowledge about things, the mental representation that an organism has about his existence and the outside world, and the faculty to differentiate good from bad, the sense of morality and duty.

In German, the conceptions are discriminated, with the psychological consciousness referred as *Bewusstsein*, the clear and concrete knowledge. For the moral consciousness, looked as a superegoical function, Freud chose the term *Gewissen*, a more abstract sense of knowledge.

This theoretical research follows the development of the notions of consciousness and moral consciousness from 1895 to 1932, and was motivated by a quotation of Freud's own words in his last years, about re-evaluating the importance of consciousness, because of the diversity of concerning problems, and the complexity of explanations and definitions. In several times, he wrote about his intention to investigate more deeply in this particular matter, but never did it.

Keywords: consciousness; conscience; unconsciousness

***A quem busca conhecer, desgosta-lhe entrar na água da verdade,
não quando está suja, mas quando não é profunda.***

Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zarathustra*

SUMÁRIO

Introdução

Os moinhos do meu pensamento	01
Antecedentes psicanalíticos	07
Epistemologia e pesquisa	13

Parte 1

Vicissitudes da consciência	16
-----------------------------------	----

Parte 2

A voz da consciência	42
----------------------------	----

Considerações finais	74
-----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas	82
---	-----------

INTRODUÇÃO

OS MOINHOS DO MEU PENSAMENTO

Depois de pensar várias vezes em desistir, achei que uma maneira viável de escrever esta dissertação, tarefa que parecia impossível, seria refazendo o caminho do meu pensamento.

Este trabalho, de certa forma, dá prosseguimento à monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica - Teoria Psicanalítica do C.O.G.E.A.E., sobre o ego, a partir da conhecida frase *Wo Es war, soll Ich werden*, traduzida como "onde estava o id, aí estará o ego", ou "lá onde isso era, eu devo advir" com a qual Freud fecha a Conferência XXXIII, *A dissecação da personalidade psíquica*. Na ocasião, Freud disse que, entre outras coisas, os esforços terapêuticos da psicanálise visam "fortalecer o ego, torná-lo mais independente do superego, expandir o campo da percepção, desenvolver sua organização, de maneira que possa se apropriar de novas partes do id" (FREUD, 1933, p. 3146), e compara este trabalho ao cultivo das terras ganhas ao mar na Holanda.

Transcrevo, de maneira sucinta, as idéias que foram desenvolvidas naquele texto.

Freud sustenta que é próprio do indivíduo ter a sensação de permanência e coesão do eu, que se apresenta à consciência "como algo independente, unitário, bem delimitado frente a tudo o mais" (FREUD, 1930, p. 3018). Porém, esta percepção seria falsa, pois o ego tem uma parte enraizada no id, portanto inconsciente. Aparentemente, os contornos do eu estão bem demarcados em relação ao não eu, mas existem situações em que os limites se diluem tornando-se imprecisos, como em certos estados patológicos ou nas relações amorosas, quando partes do próprio corpo ou componentes psíquicos se apresentam confusos e

misturados, não sendo fácil determinar a quem pertencem, se ao eu ou ao objeto.

Uma primeira concepção do ego aparece no “Projeto para uma psicologia científica”, onde é descrito, de modo simples e esquemático, como um corpo de neurônios investidos (base fisiológica do eu) que funcionaria de maneira a impedir a satisfação alucinatória contínua para promover experiências concretas de satisfação das necessidades e garantir a sobrevivência. A atividade psíquica inibitória das alucinações criaria um rudimento de ego, instaurando o denominado processo secundário de funcionamento.

Mais tarde o ego será entendido como um sistema que, do ponto de vista espacial e da dissecação psíquica, se isto fosse possível, seria o primeiro a partir do mundo externo. Este sistema percepção-consciência está localizado na superfície do aparelho, exposto a estímulos provenientes do exterior e também as sensações proprioceptivas, e a consciência é uma função exercida pelo ego, caracterizada pela transitoriedade e ubiqüidade, pois está tanto voltada para fora como para os processos do pensamento. Supõe-se que ela capte os estímulos internos como se fossem externos sob a forma de representações verbais, pois a palavra é o traço mnemônico da palavra ouvida.

A origem do ego estaria ligada também às sucessivas experiências de prazer e desprazer produzidas pelos cuidados maternos, que erogenizaram o corpo infantil e permaneceriam registradas na pele de tal forma que não poderiam ser apagadas, razão pela qual Freud disse que, no princípio, o ego é corporal.

Sabe-se que o bebê humano pereceria antes de poder adquirir meios de vida auto-suficientes, e que depende absolutamente de um outro durante longo tempo, pois “O organismo humano e, a princípio, incapaz de levar a cabo esta ação específica, realizando-a por meio de assistência alheia, chamando a atenção de uma pessoa experimentada” (FREUD, 1895a, p. 229).

Laplanche lembra que Freud denomina *Hilflosigkeit* este desamparo existencial,

a incapacidade de ajudar a si mesmo, estado de abandono. (...) O que remediará essa *Hilflosigkeit* será o fato de que as funções vitais são vicariadas pela mãe. Graças à díade mãe-bebê é estabelecida uma espécie de aparelho suficientemente adaptado para a sobrevivência. Mas, rapidamente, a autoconservação passa a ser vicariada pelo ego, o qual, toma-a por sua própria conta tornando-se o seu tutor. (LAPLANCHE, 1987, p. 248)

Este processo, a meu ver, remete à máxima de Aristóteles, segundo a qual "... um ser em potência não pode passar ao ato mais que pelo influxo de um outro ser em ato". (BREHIER, 1956, p. 564).

Depois de discorrer sobre a gênese e as características do ego, sua relação com o conceito de narcisismo, explicar em linhas gerais o ideal e o superego na teoria freudiana, aquele trabalho chegava às seguintes *in-conclusões*:

Pensar a condição humana desde a psicanálise é instigante, por considerar o conflito a própria essência do homem. O psiquismo estrutura-se no embate entre o desejo que busca se realizar, e a defesa, na medida em que sua satisfação pode ser intolerável. Configura-se então, a base da cisão que dá origem a dois sistemas ou instâncias antagônicas: o pré-consciente e consciente, e o inconsciente.

A concepção freudiana de um psiquismo dividido parece contrariar a corrente filosófica que assimila o pensamento à substância do homem. O cogito de Descartes estabelece a dúvida metódica como a forma privilegiada de alcançar a verdade: "... minha dúvida, que é meu pensamento, está unida à existência deste eu que pensa, não posso me dar conta que penso, sem ver com certeza que existo: *cogito, ergo sum...*" (BREHIER, 1956, p. 559).

Assim como o ser pensante cartesiano é claramente consciente, dotado de inteligência e razão, livre arbítrio e paixões que a vontade pode controlar, o ser da psicanálise seria o sujeito *do* inconsciente, quase um "pseudo-sujeito".

A versão lacaniana do cogito: "penso onde não sou, sou onde não penso", alude a uma exclusão, denotando incompatibilidade. O ser é no inconsciente, isto parece invalidar que seja também no consciente.

Costuma-se dizer que o indivíduo, na verdade, não o é, por conta da divisão psíquica, ser cindido opor-se-ia à noção de unidade. Contudo, seria improcedente conceber o indivíduo como uma unidade, que não por ser dividida deixa de ser indivisível?

A clivagem separa o psiquismo em partes que não existem isoladamente.

É interessante assinalar como, para a fenomenologia de Husserl, a consciência é o fenômeno donde o ser se manifesta, é sempre consciência *de* algo. Fenômeno é o que aparece, o emergente e superficial, a manifestação direta da essência; fenômeno e essência são uma e a mesma coisa "... o ser de um existente é o que o existente parece" (SARTRE, 1961, p. 12).

A consciência é fundamental para que a tendência sintética do ego cumpra seu papel, visando inserir significados novos na rede de significados conhecidos. Ela procura dar sentido; entender é uma necessidade peremptória, pois o que não pode ser compreendido, desestrutura e gera angústia, sendo próprio do ego estabelecer relações, associar, integrar. A existência torna-se humana, principalmente, através do exercício da capacidade de simbolização, da criação e atribuição de significados. Ela é humana porque inteligível.

A psicanálise trabalha com o conceito de associação livre; ao mesmo tempo, sustenta que não há liberdade de associação devido à sobre-determinação inconsciente. Porém, o discurso consciente, mesmo que determinado, não pode ser menos legítimo que as suas determinantes. Para Aristóteles, todo efeito é tão real quanto a sua causa.

As idéias latentes são inacessíveis de forma direta; a qualificação de algo em estado latente só faz sentido em contraposição a um outro estado. Latente é o que permanece oculto, escondido; os conteúdos inconscientes precisam se modificar para virarem manifestos. A manifestação é o fenômeno que remete, neste caso, a uma realidade outra. Pode-se dizer que a realidade é mais real enquanto latente do que enquanto manifesta?

No meu entender, Freud relativiza tanto a autonomia como a dependência do ego, e aponta para a necessidade de equalização das forças entre as instâncias, em nome de um equilíbrio que, não por precário, pode deixar de ser almejado.

No texto “Inibição, sintoma e angústia” Freud confere ao ego um poder que ele mesmo diz que estaria em contradição com o formulado até então, pois ressalta a sua energia que, pelo fato de ser uma organização, tem uma certa ascendência. A discórdia entre as instâncias evidencia sua vulnerabilidade, mas isso não significa que a impotência sobrepuje a potência. A visão de um ego frágil, diz Freud, encontrou

um eco ressoante na literatura psicanalítica, sendo que muitos autores acentuam insistentemente a debilidade do eu a respeito do id, do racional a respeito do demoníaco dentro de nós, dispendo-se a converter este princípio em base fundamental de uma concepção psicanalítica do universo (*Weltanschauung*). Ora, o conhecimento de como atua o recalque é, talvez, muito apropriado para deter o analista diante de tão extrema e unilateral apreciação (FREUD, 1925, p. 2838)

A teoria freudiana enfatiza a tensão entre as partes de um psiquismo submetido à dinâmica dialética do seu funcionamento. Acredito estar implícito na sua compreensão da natureza psíquica, que o ser é no desejo como na defesa, no que sonha inconscientemente como no que pensa conscientemente. O ser não é mais em uma das suas partes do que nas outras, só o é de modos diferentes.

Minha monografia sobre o ego terminava da seguinte forma: “Para finalizar, escolho conscientemente uma frase das “Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise”: “Num princípio nos inclinamos a rebaixar o valor do critério da consciência, já que tão pouco seguro tem se mostrado. Mas faríamos mal. Passa-se com ele o que com a nossa vida, não vale muito, mas é tudo o que temos. Sem as luzes da consciência estaríamos perdidos nas trevas da psicologia abissal”. (FREUD, 1933, p. 3140).

Estas palavras atiçaram meu interesse em pesquisar e responder a pergunta: por que Freud teria tido que rever a sua avaliação da consciência, como a frase sugere? Esta dissertação é uma tentativa de resposta.

O objeto deste trabalho - a consciência em Freud - demanda alguns esclarecimentos prévios. Após definido o tema (num princípio, considerei a possibilidade de escrever sobre “a consciência” até perceber que este assunto é amplo e impreciso demais) comecei a trabalhar no texto sem discriminar as acepções distintas do termo “consciência”, tanto do ponto de vista da língua, como da teoria freudiana. Em português, assim como em espanhol, o vocábulo “consciência” concentra os sentidos de consciência psicológica e de consciência moral, sendo que na obra de Freud são designados por palavras diferentes, tornando clara e objetiva a distinção. A consciência psicológica corresponde ao alemão *Bewusstsein*, e para a consciência moral usa-se a palavra *Gewissen*.

Mesmo que o meu interesse esteja focalizado na consciência (*Bewusstsein*), o rastreamento da noção será feito conjuntamente com o da consciência moral (*Gewissen*), na medida em que cronologicamente forem se apresentando, por entrever uma imbricação entre elas que não pode ser desconsiderada. Pretendo, nas reflexões finais, fazer uma relação mais explícita entre ambas.

Antes de abordar o tema específico, que será tratado na primeira e segunda parte, “Vicissitudes da consciência” e “A voz da consciência”, acho pertinente apresentar algumas considerações preliminares, intituladas “Antecedentes psicanalíticos” e “Epistemologia e pesquisa”.

ANTECEDENTES PSICANALÍTICOS

As questões relativas ao ser, à consciência, ao conhecimento, à verdade, são, para mim, motivo de permanente interesse.

A consciência da precariedade da vida, do ser para a morte, de Heidegger, é o achado filosófico da marca da condição humana gravada em todo homem. A certeza da finitude vai se inscrevendo lentamente no psiquismo, assinalando o fim da idade da inocência, essa fase distante em que ainda o morrer não fazia parte da vida. Contudo, para alguns estudiosos do psiquismo infantil, a angústia de aniquilamento experimentada ao nascer é a forma mais primitiva de expressão.

Para Heidegger, o caráter finito e negativo da existência está ligado ao fato de se constituir sobre um "defeito ontológico" estrutural. A existência foi "ejetada" no mundo originando um sentimento permanente de dívida e culpa.

O ser-aí é devedor e culpado porque sua existência tem sido jogada ao mundo, não se pos a si mesma; é um não-ser no seu próprio surgimento, está ancorada, desde sua origem, em circunstâncias que não escolheu e que não pode ultrapassar.(ALEMÁN, 2000, p. 149/150).

A dor de existir é o sinal indicativo de estar vivo, mas às vezes a dor pode ser insuportável e apela-se aos recursos disponíveis para atenuá-la, à droga, à fantasia, à loucura, que providenciam o prazer alucinatório do esquecimento.

“O grego conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência: para lhe ser possível viver teve de gerar em sonho o mundo brilhante dos deuses olímpicos” (NIETZSCHE, 1991b, p. 30)

A existência do inconsciente já era intuída muito tempo antes de Freud postular a sua concepção particular. A filosofia vislumbrou “a sombra da consciência, um outro lado da realidade, um mundo desconhecido e subjacente a todas as coisas”. Sócrates, o primeiro a se questionar a respeito da essência humana

procurava extrair, através da maiêutica, a verdade escondida no fundo das almas. Este “parteiro das almas”, utilizando-se do raciocínio lógico, indagava sobre o ser verdadeiro do homem, perguntando e refutando falsas certezas. “Conhece-te a ti mesmo”, dizia, seguindo o desígnio do oráculo, mas esbarrava num ponto onde toda explicação era impossível.

O cogito cartesiano aparentemente antitético com a noção freudiana de inconsciente, aponta tangencialmente a ele, pois o que foi recalcado tem que ter passado antes pela consciência, portanto inclui também o inconsciente, que nada mais é que uma forma peculiar de pensamento.

Muito tempo depois, Lacan reformularia o cogito sublinhando o ilusório do eu e descentrando a verdade do ser.

Na esteira do mestre Schopenhauer, que entendia *O mundo como vontade e representação*, talvez tenha sido Nietzsche quem mais tenha renunciado o inconsciente tal como Freud. Apontou o fundo irracional da realidade dizendo “... há só uma coisa impossível em todas as coisas: racionalidade”. (NIETZSCHE, 1984, p. 209) Ele antecipa visionariamente o id freudiano.

Eu, dizes uma e outra vez ensoberbecendo-te com essa palavra. Não obstante, o mais ingente, algo no que não queres acreditar, é o teu corpo e a tua razão, o qual não diz, certamente, eu, mas é o que faz o eu (...) os sentidos e o espírito são instrumentos ou brinquedos. Trás eles se oculta o Si-mesmo (...) que sempre inquirir e escuta compara, reprime, conquista e destrói. Ele domina também sobre o eu (...) Meu irmão, detrás de tuas idéias e sentimentos se oculta um poderoso senhor, um sábio desconhecido. Chamas-se Si-mesmo. Reside no teu corpo (...) é o teu corpo, mais razão há no teu corpo do que nos teus pensamentos mais sábios. (NIETZSCHE, 1984, p. 71/72)

Na psicanálise, a noção central do desejo evoca o princípio fundamental da vida. Esta idéia é semelhante à de Spinoza, para quem o desejo é a essência do homem. É interessante observar que ele distingue o desejo (*cupiditas*) do desejo frustrado (*desiderium*) que é o “apetite ou desejo de possuir alguma coisa, mantido pela recordação dessa coisa e, ao mesmo tempo, entravado pela recordação de outras que excluem a existência da coisa desejada”. (ESPINOSA, 1983, p. 218) Esta acepção se aproxima muito da freudiana.

Mas o que se deseja?

“Segundo uma lenda antiga, o rei Midas perseguiu na floresta o velho Sileno, companheiro de Dionísio, durante muito tempo, sem poder alcançá-lo. Quando conseguiu, por fim, e o fez prisioneiro, o rei perguntou-lhe qual era a coisa que o homem deveria preferir a tudo, e considerar sem par. Imóvel e obstinado, o demônio não respondia, até que, coagido pelo vencedor, desatou a rir e proferiu as seguintes palavras: Raça efêmera e miserável, filha do acaso e da dor! E tu, por que me obrigas a revelar-te o que mais te valeria ignorar? O que tu deverias preferir, não o podes escolher: é não ter nascido, não ‘seres’, seres ‘nada’. Já que isso é impossível, o melhor que podes desejar é morrer, morrer depressa...” (NIESTZSCHE, 1991b, p. 29)

Os temas humanos são sempre os mesmos. O leitmotiv da espécie se atualiza em cada homem.

Ser ou não ser.

O ser e o nada.

A vida e a morte.

Eros e Tânatos.

As pulsões em pugna dentro de nós, para Freud.

Busca da felicidade, princípio do prazer.

*O mundo é profundo,
é mais profundo do que pensava o dia!
Profunda é a sua dor!
O prazer é mais profundo ainda que o sofrimento!
A dor diz: passa!
mas todo prazer quer eternidade
quer profunda, profunda eternidade!*

(Canto de ronda de Zarathustra)

Epicuro acreditava que a *ataraxia* era a condição indispensável da felicidade. A *ataraxia* é um estado de supressão das necessidades, onde não há dor nem perturbação alguma, o que já é sentido como prazer, pois para ele não há estado neutro. "O homem quer ser feliz. Porém o que põe travas à sua felicidade é o temor e o desejo. O desejo, porque é infinito; portanto, media sempre um abismo entre o objeto que se quer e o que se alcança. O temor porque turva a paz da alma". (FESTUGIERE, 1960, p. 08)

O nirvana búdico aspira também à extinção dos desejos, tornar-se indiferente a todas as motivações de atividade humana. "O ideal seria, então, ser insensível, completamente átono e inerte. A melhor vida seria aquela em que menos se vivesse e se assemelhasse desde agora ao sonho da morte". (FESTUGIERE, 1960, p.26) A pulsão de morte, desejo de volta ao estado inanimado em Freud.

O mito do eterno retorno, de todas as coisas de Nietzsche, é uma idéia misteriosa. Poder-se-ia associar ao que Freud chamou do retorno do recaiado, ou é uma simples expressão de desejos?

O desejo de nada desejar?

No mundo do eterno retorno o que retorna? Nietzsche já dizia que "a idéia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos". (KUNDERA, 1983, p.11)

Em Freud, é o sexual.

A angústia de castração aponta subliminarmente a Suprema Castração, a única certeza de "ser para a morte" como afirma Heidegger. A fim de tornar a vida possível de ser vivida, o homem precisou afastar da consciência essa certeza. O inconsciente foi constituído pela força arrasadora da necessidade. O medo da desintegração é aterrador porque ela implica deixar de ser inteiro, ou seja, não mutilado, não castrado. Deixar de ser completo.

Anseio de completude, desejo de fusão e, ao mesmo tempo, medo de se fundir no outro, da perda dos limites, pois se há limite há separação. O sujeito se

quer Uno como resquício de um momento anterior onde não havia desejo porque nada faltava (falo o chamou Freud).

A roda do desejo desata a andar atrás de uma miragem. A realidade subjetiva e a objetiva convivem defasadas no tempo e no espaço. Contra a inexorabilidade do tempo real se alça a barreira da fantasia. O inconsciente é atemporal, ludibriando a frustração, no inconsciente tudo é possível, não há contradição nem proibição. A fantasia cria a realidade do desejo.

O homem é, sem dúvida, a mais infeliz das criaturas. Erra na procura do paraíso perdido. Conheceu um dia a felicidade perfeita, ou pensou conhecer (ego ideal). No seu narcisismo se enganou a si mesmo. Como Ícaro, voou tão alto que despencou lá de cima.

O complexo de Édipo, universal e estruturante, baliza a constituição do sujeito e a sua inserção no universo simbólico. Ele tem de aceitar, mesmo que não queira, que é só, sempre foi e será. O princípio de realidade instala-se para barrar a onipotência infantil e confinar o princípio do prazer ao submundo do inconsciente.

A consciência da falta o atormenta. Sente a falta porque alguma vez acreditou que algo houve. A realidade da falta que divide o psiquismo, funda o sujeito, a falta que busca inutilmente se preencher. É porque o homem se apercebe faltante, que deseja.

O objeto do desejo lhe escapa uma e outra vez. Esse *Obscuro objeto do desejo*, como se intitula o filme de Buñuel. É o desejar nunca satisfeito porque se alimenta da própria insatisfação.

Mas o que se deseja?

E aqui voltamos a uma lenda antiga que diz...

Já dizia Nietzsche que toda verdade é curva e o tempo, um círculo: "... a lógica encontra o inexplicável, toma a forma curvilínea, se enrola a si própria, como a

serpente que morde a própria cauda...” (NIETZSCHE, 1991b, p. 96)

Ser ou não ser. Como conviver com o conflito?

Desejo e transgressão...

Culpa e punição...

Segundo a Bíblia, Adão e Eva foram expulsos do paraíso depois de cometer o pecado original. A tentação de burlar o proibido foi mais forte. E lá estão eles, comendo da árvore do Bem e do Mal. A maçã do Conhecimento tornou-se então o céu e o inferno terrenos. O Saber criou o desejo de Não-saber, e nasceu assim o esquecimento (recalque ou recalçamento, na teoria freudiana, a origem da formação do inconsciente).

EPISTEMOLOGIA E PESQUISA

Todas as correntes do pensamento convergem em suas indagações, nos seus enigmas: é possível conhecer objetivamente? O que é a verdade, a realidade? Qual é a relação entre o ser e o pensar? Como o pensamento apreende o ser? Quais os limites da razão?

Refletindo sobre as várias teorias do conhecimento e suas bases filosóficas, a diversidade faz sentido porque tanto umas quanto as outras são válidas, porém insuficientes para desvendar os mistérios humanos; só seria possível conhecer parte da verdade. A hermenêutica filosófica criada por Hans-Georg Gadamer sustenta que o que é, não pode jamais ser compreendido em sua totalidade porque só pode ser compreendido como linguagem, e a linguagem "remete sempre para além do enunciado como tal". (STEIN, 2002, p. 09)

Talvez por isso a história do pensamento seja por princípio inacabada, sempre fica algo por explicar. O que escapa permanece inatingível, dados os limites do entendimento.

A oposição fundamental entre materialismo e idealismo, duas linhas mestras que se encontram na base da maioria das correntes epistemológicas, pode ser entendida através do princípio central da dialética desenvolvida por Hegel em *Fenomenologia do espírito*: o princípio de contradição.

A dialética "é um processo em que elementos opostos se criam, preservam e negam um ao outro, cada um em relação dinâmica e sempre mutativa com o outro. O movimento dialético tende para integrações que nunca se realizam por completo". (OGDEN, 1996, p. 12) Portanto, o ser é concebido como sempre em movimento, numa mudança ininterrupta onde "o ser e o nada são uma e a mesma coisa".

Este enunciado opõe-se à lógica formal aristotélica

de acordo com a tradição da Metafísica ocidental, o pensamento que não respeita os princípios fundamentais da lógica - o princípio de

não-contradição e o do terceiro excluído -, não é mais verdadeiramente um pensamento e só poderia formar conceitos contraditórios, julgamentos ou raciocínios ilegítimos. No livro primeiro da Metafísica, Aristóteles enuncia claramente: 'O mesmo atributo não pode ao mesmo tempo pertencer e não pertencer ao mesmo sujeito, sob a mesma relação'. (RAIKOVIC, 1996, p. 11)

Então, o ser e o nada seriam, com efeito, uma e a mesma coisa na medida em que não o são simultaneamente, mas no tempo; a idéia de temporalidade contempla a concepção hegeliana de transformação num processo contínuo de vir-a-ser. O ser não é fixo, estático; toda tese leva em si o germe da sua própria antítese, ou seja, a sua própria negação, a qual dará lugar à negação da negação e esta, por sua vez, gerará uma nova tese, e assim por diante.

A possibilidade do conhecimento do ser, considerado desta forma, é relativa, incerta, pois está sujeita ao constante devir do real, à transitoriedade que caracteriza o objeto e o sujeito.

É provável que a dialética, entendida na sua acepção mais genérica como um "método de raciocínio que consiste em analisar a realidade, pondo em evidencia suas contradições e buscando superá-las" (LAROUSSE, 1999, p. 320) seja o instrumento mais adequado para abordar a dinâmica psíquica e que está no centro das minhas preocupações teóricas e especialmente clínicas, pois de acordo com Ogden

o que acredito ser a natureza radical do projeto psicanalítico, ou seja, a noção de que o sujeito da experiência pode ser conceituado como o resultado de um processo contínuo no qual é simultaneamente constituído e descentrado de si mesmo por meio da negação e da preservação na inter-relação dialética entre consciência e inconsciente. (OGDEN, 1996, p. 13)

Esta idéia, de acordo com o autor, esta implícita na forma como Freud concebe o processo de constituição da subjetividade.

Porém, seria possível uma relação dialética entre sistemas que não obedecem aos mesmos princípios? O inconsciente subordina a consciência, o contrario já é mais difícil, pois os conteúdos inconscientes não são afetados pela vontade consciente, embora "o tratamento psicanalítico edifica-se sobre a influência

do Cs. no lcs, e mostra-nos, em todo o caso, que esta tarefa, por árdua que seja, não é impossível". (LAPLANCHE, 1985, p. 139)

O reconhecimento consensual da existência do inconsciente, premissa básica da psicanálise, parece ter desqualificado, não só diminuído o valor e o estatuto da consciência. Contudo, o verbete *consciência (psicológica)* do *Vocabulário da psicanálise*, frisa que: "Se é verdade que a teoria psicanalítica se constitui recusando definir o campo do psiquismo pela consciência, nem por isso considerou a consciência como um fenômeno não essencial" (LAPLANCHE, 1985, p.135), e sublinha que a designação dos sistemas do aparelho psíquico é determinada pela relação com a consciência.

Portanto, a elaboração peculiar do inconsciente freudiano, abalou a primazia da razão e das representações conscientes, ou deslocou radicalmente o eixo da vida psíquica?

Oswaldo França Neto, autor do livro *Freud e a consciência* apresenta a seguinte questão: "Se quisermos aproximar a descoberta freudiana a alguns poucos termos, talvez possamos identificá-la com o inconsciente, com a pulsão ou com o recalque. Mas jamais com a consciência. Ela era tudo aquilo de que Freud queria diferenciar-se. Então, por quê tematizá-la?" (FRANÇA, 1998, orelha)

Boa pergunta.

Uma resposta possível: "A consciência se transformou no recalco da psicanálise" como muito bem observou o professor Luís Claudio Figueiredo em uma das orientações.

Pensar sobre a consciência assim, pura e simples, é complexo e abrangente. Pensar o ser, então... Pensar e ser novamente juntos... existo, logo penso.

PARTE 1

VICISSITUDES DA CONSCIÊNCIA

Começarei abordando os textos, datados de 1895, onde é formulado um primeiro modelo teórico do aparelho psíquico: “A psicoterapia da histeria” e “Projeto para uma psicologia científica”. Estes escritos metapsicológicos explicam o psiquismo e o modo patológico de funcionamento, esboçando uma primeira descrição de terapia, num estilo científico e numa terminologia fisiológica. Neles a consciência é concebida como a qualidade das representações inaugurais do mundo psíquico, a partir de um quantum de energia que faz o aparelho funcionar e, ao mesmo tempo, o constitui.

“PSICOTERAPIA DA HISTERIA”

Freud entende que nas neuroses histéricas o material psíquico se apresenta estratificado como um produto de várias dimensões; existe um nódulo composto das lembranças de sucessos ou processos mentais, que culminaram no fator traumático ou desenvolveram uma idéia patogênica. Ao redor deste nódulo acumula-se vasto material, através do qual terá de se penetrar, na análise, seguindo três ordenações diferentes: uma cronológica linear dentro de cada tema, ou seja, de natureza semelhante; uma segunda ordenação concêntrica em torno do nódulo, estruturada segundo o grau de resistência, crescente à medida que dele nos aproximamos. Os estratos periféricos contêm as lembranças que são evocadas facilmente, tendo sido sempre conscientes; quanto mais nos aprofundamos, maior a dificuldade, até esbarrar, com lembranças que o paciente nega ou não pode admitir como próprias. Uma terceira ordenação, essencial e dinâmica, é aquela estabelecida conforme o conteúdo das idéias, do enlace entre as lembranças, seguindo um fio lógico.

Esquemáticamente, poder-se-ia pensar num sistema de linhas convergentes, traçando um caminho em *zig-zag*, indo e vindo da periferia às capas mais profundas do psiquismo, até atingir o núcleo. O fato de um sintoma aparecer, com freqüência,

determinado por fatores múltiplos (sobre-determinação), decorre deste mecanismo.

O material patógeno pode ser comparado a um corpo estranho, ou melhor, a uma infiltração e, a resistência, ao agente infiltrador; a terapia consistiria, então, em fundir a resistência e abrir caminho até as idéias conflitantes, possibilitando uma melhor circulação entre as representações. Coloca-se a questão, diz Freud, de como este material pode ter passado pela “estreiteza da consciência”, já que nunca penetra nela mais do que uma lembrança de cada vez. É provável que este material deslize pouco a pouco através deste “desfiladeiro” e chegue fragmentado. O terapeuta terá de reconstituir toda a organização juntando os fragmentos, como se fosse um quebra-cabeça.

É importante sublinhar, diz Freud, que resulta totalmente inútil penetrar diretamente no núcleo, mas uma vez que as lembranças subtraídas da consciência são descobertas e reincorporadas, a personalidade psíquica fica então ampliada e enriquecida.

As representações mais profundas são reconhecidas como lembranças à custa de muito esforço e, nestes casos, é preciso manifestar ao paciente que isso ocorre por tratar-se de pensamentos inconscientes. "Porém, deve-se prescindir da negativa do reconhecimento, negativa que, uma vez terminado o trabalho terapêutico, carecerá de motivo, ou deve-se supor que se tratam realmente de idéias que nunca existiram, ou seja, de idéias para as quais só havia uma possibilidade de existência?", é a pergunta de Freud. "É impossível compreender nada sobre o estado desse material antes da análise, sem um esclarecimento prévio de nossas opiniões fundamentais sobre a natureza da consciência". (FREUD, 1895a, p. 165)

Ele sugere refletir sobre o fato de que pode se perseguir um processo mental desde o consciente até inconsciente, vendo-lhe atravessar de novo o consciente e terminar outra vez no inconsciente, sem que esta modificação da "iluminação psíquica", produza nele qualquer mudança ou alteração da sua estrutura lógica.

Repetidamente tenho ouvido de meus pacientes, quando lhes prometia ajuda ou alívio por meio da cura catártica, a seguinte objeção: o senhor mesmo tem dito que meu padecimento depende

provavelmente do meu destino e circunstâncias pessoais. Como, não podendo mudar nada disso, vai curar-me? A esta objeção tenho podido responder: "Não duvido que para o Destino seria mais fácil que para mim curá-la, mas já se convencerá de que adiantamos muito se conseguirmos transformar sua miséria histórica num infortúnio comum. Contra este último poderá defender-se melhor com um sistema nervoso novamente são". (FREUD, 1895a, p. 168)

“PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA”

Nesse ensaio descreve-se meticulosamente o mecanismo pelo qual a energia orgânica agindo sobre as células nervosas, faz surgir as qualidades que diferenciam as excitações, ou seja, as percepções conscientes, por meio das teses básicas da concepção quantitativa, da teoria do neurônio e das barreiras de contato, do problema das qualidades que produzem o fenômeno da consciência, inclusive da consciência no sono.

Considero importante mencionar, sem me estender para não me afastar do assunto, que nesse escrito Freud descreve: a relação de objeto como desencadeante da passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade, o processo primário e secundário de pensamento, aborda a simbolização e o pensamento observador consciente produto das associações verbais, e alude ao que posteriormente será compreendido como pulsão "o impulso motor do mecanismo psíquico". Também merece ser destacada a forma com que Freud concebe a origem dos "estados de desejo" a partir dos "estados de anseio" cujo protótipo é a primeira "vivência de satisfação" e faz uma introdução ao conceito de ego, que nas palavras de Freud é "o mais obscuro de todos os problemas: a origem do ego". (FREUD, 1895b, p.263) Ou seja, neste livro aparecem em germe alguns dos principais conceitos psicanalíticos.

A finalidade do “*Projeto*”, apontada por Freud, é a de estruturar uma psicologia que seja ciência natural, ou seja, representar os processos psíquicos como estados determinados por quantidade de partículas de energia, dando assim a estes processos um caráter concreto e inequívoco. Como ponto de partida pode-se estabelecer um princípio básico da atividade dos neurônios, o princípio da inércia

neural, segundo o qual eles tendem a descarregar a maior quantidade de energia circulante, a fim de manter a excitação ao nível mais baixo possível, funcionamento análogo ao arco reflexo. A consciência ocorreria na passagem da quantidade da energia, considerada de ordem física, para o da qualidade, de caráter psíquico. A sensação consciente seria produzida quando as quantidades pudessem ser escoadas ao máximo, pois uma estimulação excessiva diminuiria a capacidade de distinguir e diferenciar as qualidades.

William James, em seu *Principles of Psychology* (1890), no capítulo sobre o “fluxo do pensamento” enfatizou que, para aquele que a possui, a consciência parece sempre ser contínua, “sem brecha, ruptura ou divisão”, jamais “recortada em pedaços”. O conteúdo da consciência pode mudar continuamente, mas avançamos suavemente de um pensamento para outro, de uma percepção para outra, sem interrupções ou quebras. Para James o pensamento flui e foi por isso que ele introduziu o termo “fluxo de consciência”. Mas se perguntou: “será que a consciência é realmente descontínua (...) ou será que apenas parece ser contínua diante de si mesma, em razão de uma ilusão análoga à do zootrópio?” Antes de 1830 não existia maneira de fazer representações ou imagens que tivessem movimento. Como poderiam imagens transmitir movimento, se elas próprias não possuíam movimento? A própria idéia era paradoxal, uma contradição. Mas o zootrópio comprovou que imagens individuais podem, sim, ser fundidas dentro do cérebro de modo a criar uma ilusão de movimento contínuo. Apreendemos o movimento, assim como apreendemos a cor ou a profundidade, como uma experiência qualitativa única que é vital para nossa consciência visual. Alguma coisa que está além de nossa compreensão ocorre na gênese das *qualia*, a transformação de uma computação cerebral objetiva em experiência subjetiva. (SACKS, 2004, p. 05)

Depois deste parêntese que achei por bem intercalar aqui por se assemelhar à idéia freudiana, retomo a descrição do suceder psíquico no *Projeto*.

O princípio da inércia, segundo o qual os neurônios tendem à descarga, e que explica a sua divisão em duas classes, motrizes e sensitivos, como um dispositivo destinado a balancear as quantidades de energia, constitui a função primária do sistema neural; a função secundária é a fuga dos estímulos. Este princípio é desde o início inviabilizado por outra condição, na medida em que aumenta a complexidade dos organismos, os neurônios passam a receber estímulos somáticos dando origem às necessidades fisiológicas; o organismo, então pressionado pelas exigências vitais, não consegue sustentar o princípio da inércia e precisa aprender a suportar o

acúmulo de energia e a manter constante o nível de tensão.

Os neurônios se especializam para dar conta da estimulação permanente; alguns, sem barreiras de contato, deixam passar a energia (células perceptivas permeáveis) e outros, as chamadas células mnemônicas, são modificadas pelos estímulos, porque como permitem a energia passar só parcialmente, a excitação provoca uma mudança de estado, ou seja, elas oferecem a possibilidade de representar a memória.

Como as barreiras de contato são mais ou menos aptas para a condução da energia, diferente é o grau de facilitação, sendo importante sublinhar que o que diferencia os neurônios é a quantidade de energia que devem enfrentar.

Na parte do texto destacada pelo subtítulo “O problema da qualidade”, Freud faz constar que o conteúdo da consciência tem de estar situado na série destes processos quantitativos. A consciência outorga as qualidades às sensações, podendo se pensar na hipótese de um terceiro tipo de neurônios perceptivos; a sensação surgiria quando quantidades excessivas de energia pudessem ter sido excluídas. Estas células teriam total permeabilidade, pois o que caracteriza os neurônios portadores da consciência é a rápida mudança de conteúdo, o caráter fugaz da consciência, a fácil combinação de qualidades simultaneamente percebidas e a capacidade de *restitutio in integreem* de retorno ao seu estado anterior, “eles se comportam como verdadeiros órgãos de percepção”. (FREUD, 1895b, p. 223)

Os neurônios perceptivos são incapazes de receber grandes quantidades de energia, mas assumiriam o “período” da excitação, e esta condição de serem afetados enquanto admitem somente uma mínima carga de quantidade, constitui o fundamento da consciência. (FREUD, 1895b, p. 223)

A seguir, com o subtítulo de “A consciência”, Freud continua levantando suas hipóteses sobre o mecanismo psíquico e sustentando a teoria de que “a consciência é aqui a face subjetiva de uma parte dos processos físicos que se desenvolvem no sistema neural, e sua ausência não deixaria inalterado o suceder psíquico”. (FREUD, 1895b, p. 224) O conteúdo da consciência consiste, além de uma série de

qualidades sensoriais, em outras muito diferentes, as das sensações de prazer e desprazer. A tendência da vida psíquica em evitar o desprazer decorrente do aumento da tensão, e sentir como prazer a sensação de descarga, constitui o princípio que permeia o funcionamento de todo o aparelho.

Na seção intitulada “Análise dos sonhos”, Freud diz que, durante o sono, a consciência funciona com a mesma facilidade que na vigília, demonstrando que não está restrita ao eu, senão que pode agregar-se a qualquer processo, e nos adverte contra uma possível identificação dos processos primários com os processos inconscientes.

Lemos, na parte “A consciência no sonho”, que ela se origina no ato da passagem da energia, ou seja, não é ativada por um investimento constante, podendo supor que uma intensa corrente energética não é favorável à gênese da consciência; a conscientização está vinculada ao resultado do movimento neural, isto é, de certo modo, com uma persistência mais bem estática do investimento.

"É difícil achar o caminho das verdadeiras condições determinantes da consciência". (FREUD, 1895b, p. 247)

“A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”

Em 1900, em *A interpretação dos sonhos*, no capítulo sobre “A deformação onírica”, depois de ter apresentado um aparelho composto de instâncias inter-relacionadas, Freud sustenta a absoluta coincidência dos fenômenos da censura, que regula o vínculo entre as instâncias com os da deformação onírica, autorizando a atribuir a ambos processos condições análogas à da formação dos sonhos. Um dos sistemas forma o desejo expressado pelo sonho, enquanto o outro exerce uma censura e o obriga a modificar sua manifestação. Podemos supor o que confere à segunda instância o poder de exercer a censura, ou seja, gozar do privilégio de acesso à consciência: "Nada do primeiro sistema pode chegar à consciência sem antes passar pela segunda instância, e esta não deixa passar nada sem aquelas transformações que ache conveniente" (...) "Entrevemos aqui uma especialíssima

concepção da essência da consciência". (FREUD, 1900, p. 435)

O devir consciente é um ato psíquico especial; diferente e independente dos processos do intelecto ou da representação; a consciência se mostra como um verdadeiro órgão sensorial, pois toda atividade psíquica parte dos estímulos e termina em enervações, indo do extremo da percepção ao extremo da motricidade.

As percepções deixam no nosso aparelho um traço mnemônico, enquanto o sistema de percepção, que não possui capacidade de conservar as modificações, aporta à nossa consciência toda a variedade de qualidades sensíveis. Nossas lembranças são inconscientes, até as mais precisas e profundas, mas podem devir conscientes.

Freud sustenta a existência de duas instâncias psíquicas, uma das quais submete à crítica a atividade da outra, pois mantém com a consciência relações mais íntimas que a criticada. Identifica a instância crítica com o que dirige nossa vida diurna e decide sobre a nossa atividade voluntária e consciente, e está localizada no extremo motor do aparelho psíquico, e se chama pré-consciente, para indicar que os estímulos podem passar sem entraves para a consciência. O sistema imediato posterior é o inconsciente e não se comunica com a consciência senão através do pré-consciente. Neste parágrafo, podemos distinguir um esboço das instâncias, tal como serão entendidas a partir da elaboração da segunda tópica, cujo funcionamento está interligado pela censura, assim como as funções correspondentes a cada uma.

A meu ver, a capacidade psíquica de conhecer, ligada à consciência moral, aparecem juntas e, por isso, às vezes tem-se a impressão de que a consciência é, por um lado, o estado ou a condição do psiquismo existir para si, e por outro, como instância capaz de julgamento crítico. Até parece, em ocasiões, que Freud outorga a consciência uma mobilidade, não dos conteúdos que se sucedem, mas da própria consciência, como se ela fosse um refletor que pudesse se deslocar. Mais adiante, este fenômeno será entendido em função de investimentos ou catexias libidinais diferentes.

Continuando com o raciocínio de Freud, ele reafirma que o esquema do aparelho inclui os dois sistemas e são nomeados segundo a sua relação com a consciência. De acordo com o desenvolvimento do esquema linear, supõe-se que o que segue ao pré-consciente é aquele ao qual está adstrita a consciência, o sistema percepção/consciência.

Os desejos inconscientes tendem a impor-se durante o dia, e não somente nos sonhos, e tanto o mecanismo de deslocamento (transferência) como as psicoses, mostram que eles querem chegar à consciência e ter o domínio da motricidade. Na censura entre o inconsciente e o pré-consciente temos de reconhecer, portanto, a instância que “vela por nossa saúde mental”.

A consciência é excitável durante a vigília desde dois pontos diferentes: a periferia de todo o aparelho e as sensações de prazer ou desprazer assim qualificadas pelas transformações internas do psiquismo. Na medida em que as representações foram se tornando mais independentes dos sinais sensoriais, surgiram funções psíquicas mais sutis; o pré-consciente angariou qualidades próprias para atrair as representações à consciência, por meio do enlace com o sistema da memória vinculado aos signos da linguagem, portanto o caráter essencial de uma idéia pré-consciente é o de estar conectada aos resíduos das representações verbais.

As qualidades deste sistema convertem "à consciência, tida anteriormente como mero órgão sensorial para as percepções, num órgão sensorial para uma parte de nossos processos mentais". (FREUD, 1900, p. 694) Leva-se em consideração a existência de duas superfícies sensoriais: uma orientada para as percepções exteriores e outra para processos mentais conscientes, ou seja, dois processos ou modos diversos de derivar as excitações.

As representações são transcritas desde o inconsciente ao consciente, não ocorrendo uma mudança de localização, mas de investimento, de forma que uma carga de energia é transferida ou retirada de uma ordenação específica, e a idéia situa-se sob o domínio de uma instância, ou subtrai-se dele. Pode-se notar que fica substituída, assim, "uma representação tópica do aparelho por uma dinâmica, o que

parece dotado de movimento não é a idéia, mas a sua enervação". (FREUD, 1900, p. 714)

É importante assinalar que apesar de utilizar uma representação plástica dos sistemas, as representações e os produtos psíquicos em geral não se encontram nos elementos orgânicos do sistema nervoso, senão "entre eles", tudo aquilo que advém objeto de nossa percepção interior é virtual.

A excitação qualitativa serve para regular o caminho da energia, pois a percepção de novas qualidades torna possível direcioná-la e distribuí-la; a percepção do prazer e desprazer influi na circulação dentro do aparelho, e fora se mantém inconsciente e trabalha por meio de deslocamentos. É verossímil que este princípio regule os deslocamentos de um modo automático, mas é muito provável que a consciência leve a cabo um segundo ajuste mais sutil das qualidades, que completa e aperfeiçoa a capacidade funcional. A psicologia da neurose ensina que esta regulação desempenha um importantíssimo papel na atividade funcional do psiquismo.

O domínio automático do princípio primário do desprazer e a subsequente limitação da capacidade funcional ficariam suprimidos pelas regulações sensíveis, as quais são novamente, de por si, automatismos. Vemos que o recalque recai muito mais facilmente sobre as lembranças que sobre as percepções. As idéias não se fazem conscientes, por terem algumas vezes, sucumbido ao recalque; porém, noutras, poderiam não estar recalçadas, senão subtraídas à consciência por outras causas.

O valor da sobrecarga de energia provocada pela influência reguladora da consciência fica representado pela criação de novas séries de qualidades e, com isso, de uma nova regulação que pertence talvez às prerrogativas concedidas ao homem sobre os animais, ou seja, Freud está se referindo aqui à origem da razão. Os processos intelectuais carecem em si de qualidade, salvo no que diz respeito às sensações de prazer e de desprazer concomitantes, que devem ser controladas como possíveis perturbações do pensamento, estando associados estreitamente às palavras, cujos restos qualitativos bastam para atrair a atenção da consciência.

"A diversidade dos problemas da consciência se nos apresenta na sua totalidade na análise dos processos mentais histéricos". (FREUD, 1900, p. 718) Temos a impressão de que na passagem da energia do pré-consciente para a consciência encontra-se uma censura análoga à existente entre inconsciente e o pré-consciente. Todos os casos possíveis de inacessibilidade e penetração dos produtos mentais à consciência aparecem reunidos no quadro dos fenômenos psiconeuróticos, os quais indicam a íntima e recíproca conexão existente entre a censura e a consciência. O rejeitado pela censura se encontra em estado de recalque.

Para Freud, uma vez conduzidos os desejos inconscientes à sua última e mais verdadeira expressão, os sonhos, vê-se que a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material, e acaba concluindo, então, que não se justifica que os homens resistam a aceitar a responsabilidade da imoralidade dos seus sonhos. O estudo do funcionamento do aparelho psíquico e o conhecimento da relação entre o consciente e o inconsciente fazem desaparecer aquilo que nossos sonhos apresentam contrário à moral. Como já tinha notado Platão, "o homem virtuoso se contenta em sonhar o que o perverso realiza na vida". (FREUD, 1900, p. 719)

Para se estimar o caráter de um homem, na maioria dos casos bastam suas manifestações conscientes, avalia Freud, pois muitos impulsos inaceitáveis que chegam até a consciência são suprimidos por poderes reais na vida psíquica antes de chegar ao ato, se alguma vez não encontram algum obstáculo psíquico é porque o inconsciente "sabe" que serão impedidos em outro lugar. De todo modo, "sempre é muito instrutivo ver o movediço solo sobre o qual se elevam, orgulhosas, as nossas virtudes". (FREUD, 1900, p. 720)

Durante o sono se transforma a relação de forças entre as instâncias, de modo que o recalque não fica totalmente recalqueado, encontrando-se o sujeito adormecido, há um relaxamento da ação da censura, porém ela não cessa jamais totalmente, tão-somente diminui, e o recalqueado, para se tornar consciente, sofre transformações que atenuam as características insuportáveis. O que se faz

consciente é uma espécie de transação entre o interdito por uma das instâncias e o permitido por outra.

A experiência do adulto faz com que ele raramente consiga realizar os desejos pelo curto caminho dos sonhos. No adulto, e sem exceção alguma em todo homem de plena capacidade mental, formou-se uma diferenciação psíquica que não existia na criança, constituindo uma nova instância que exerce com zelo e severidade uma influência dominadora sobre os sentimentos e possui, pela sua posição com respeito à consciência, os máximos meios de potência psíquica. Com estas palavras Freud alude ao superego que abordarei mais detidamente ao tratar a segunda tópica. Contudo, podemos notar em estas hipóteses, o entrelaçamento que associa consciência com consciência moral; os conteúdos da consciência, até da consciência durante o sonho, está intimamente ligado ao julgamento moral da instância crítica.

A certa altura de “A psicologia dos processos oníricos”, que tem por subtítulo “O inconsciente e a consciência. A realidade”, Freud compara as suas reflexões com as opiniões da psicologia da época dizendo: “o problema do inconsciente na psicologia é segundo as contundentes palavras de Lipps, menos um problema psicológico que o problema da psicologia”. (FREUD, 1900, p. 714)

Freud considera que a psicologia assimila o psíquico ao consciente e que a expressão “*processos psíquicos inconscientes*” constitui, para ela, um contra-senso, mas se isto fosse efetivamente assim não poderiam ser aproveitadas as observações dos médicos dos estados psíquicos anormais.

A respeito desta questão ele reconhece um ponto de vista em comum com a filosofia, com a qual polemiza continuamente por ser precisamente produto de elaborações da consciência. Diz:

O médico e o filósofo só se encontram quando ambos reconhecem que os processos psíquicos inconscientes constituem a expressão adequada e perfeitamente justificada de um fato incontrovertível. O médico não pode senão rejeitar com um alçar de ombros a afirmação de que a consciência é o caráter imprescindível do psíquico... (FREUD, 1900, p. 714)

Ele desenvolve todo um raciocínio a respeito dos processos inconscientes, embora afirme com convicção que “os processos intelectuais mais complexos e corretos, aos que não é possível negar o nome de processos psíquicos, podem desenvolver-se sem intervenção da consciência” (FREUD, 1900, p. 714), admitindo que esses processos somente podem ser advertidos pelos seus efeitos suscetíveis de comunicação ou de observação, e que o médico penetra indutivamente desde o efeito consciente até o processo psíquico inconsciente, efeito este que “não é mais do que um longínquo efeito do inconsciente”. (FREUD, 1900, p. 714)

É imprescindível dar a consciência seu verdadeiro valor, tão diferente do que se tem atribuído com exagero manifesto. No inconsciente temos de ver, como afirma Lipps, a base geral da vida psíquica. O inconsciente é o círculo mais amplo no qual se encontra inscrito o do consciente. Todo consciente tem um grau preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nesse grau e, mesmo assim, aspirar ao valor completo de uma função psíquica. O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, sua natureza interna nos é tão desconhecida como a realidade do mundo exterior e nos é dado pelo testemunho de nossa consciência, tão incompletamente como o mundo exterior pelos nossos órgãos sensoriais. (FREUD, 1900, p. 714/715)

Nesse momento de construção da teoria psicanalítica era fundamental para Freud apontar o “valor exagerado” que a consciência teria na psicologia. Suponho ser esta avaliação a que mais tarde seria revista, e o levaria a pronunciar a frase que orienta esta dissertação.

Continuando com a digressão freudiana sobre as diferentes formas de conceber o inconsciente, ele assinala que o respeito que os povos antigos tinham pelo sonho estava fundado na “exata estimacão psicológica do indestrutível e indomável existente na alma humana, o demoníaco dado em nosso inconsciente”. (FREUD, 1900, p. 716)

Freud enfatiza o *nosso inconsciente* para diferenciá-lo do inconsciente dos filósofos e também do de Lipps. Ele entende que os filósofos consideram o inconsciente unicamente como a antítese do consciente, porém os conhecimentos advindos da psicopatologia mostravam que o inconsciente, “isto é o psíquico,

aparece como função de dois sistemas separados. Haveria então duas classes de inconsciente, o incapaz de consciência, e o pré-consciente entendido como uma censura que fecha o acesso à consciência e regendo a motricidade voluntária". (FREUD, 1900, p. 716)

Freud faz a ressalva de que também não se trata da diferenciação entre consciência superior e subconsciência, "tão do gosto da moderna literatura das psico-neuroses" que equipara também o psíquico com o consciente. E pergunta que missão teria a consciência, "antes onipotente e que tudo encobria", na psicanálise, "simplesmente a de um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas". (FREUD, 1900, p. 717)

A esta altura do texto, não posso deixar de acrescentar um outro ponto de vista. No livro *O sono dogmático de Freud*, alega-se que

"ao buscar uma autonomia epistemológica para a psicanálise, Freud teria tentado de todas as maneiras desvinculá-la da filosofia. E mais que o fato de rejeitar posições distintas das suas, surpreenderia a veemência com que Freud o faz" (...) Ao mesmo tempo que a tem como patológica, Freud sustenta que a filosofia jamais levou em consideração aquilo que, no pensamento, escapa à consciência. A psicanálise vê nesta pretensa carência uma razão a mais para afirmar que a Metafísica sempre se absteve de ir a fundo na questão do pensamento, nada fez senão perseguir quimeras. (...) Freud não conseguiu atinar com a problemática do não-consciente na filosofia "... e o autor entende que a filosofia de Descartes parece "aderir sem restrição a doutrina da transparência do pensamento na consciência ... mas para o próprio Descartes não se pode "eliminar a questão da virtualidade do pensamento ... além disso, os discípulos de Descartes não deixaram também de reparar na existência de um "esconderijo do pensamento cujo destino é o de não se dar a conhecer ... os grandes nomes do cartesianismo tem, do não-consciente, uma noção que permite definir o pensamento não pela consciência exclusivamente" (RAIKOVIC, 1994, p. 14/15/16).

Esta citação merece alguns comentários. O autor aponta que Freud não estava bem informado sobre a questão do não consciente na filosofia. Porém, o que a teoria psicanalítica entende por inconsciente não se limita à qualidade de não consciente. É uma sistematização exclusiva e complexa de características peculiares, concebidas e elaboradas por Freud e seguidores. De toda forma, entendo que muitas vezes a teoria freudiana é apresentada, como Raikovic sustenta

nesse livro, como fruto da “geração espontânea”, desenraizada e desconectada de qualquer pensamento precedente ou contemporâneo a Freud. Costuma-se ensinar o desenvolvimento posterior das idéias freudianas dando surgimento às diferentes linhas psicanalíticas, mas raramente são relacionadas a outras teorias ou autores anteriores a Freud.

Lembremos que a crítica básica feita por ele às formulações filosóficas é que são especulações da consciência, erigidas sobre ilusões similares às que sustentam as crenças religiosas cuja coerência interna se dá a partir de um axioma que é por princípio indemonstrável, ou seja, muito semelhante à estrutura de uma idéia delirante, também pelo grau de certeza que pretendiam ter.

Este assunto será retomado mais adiante quando ao tratar da consciência moral serão estudados os textos “O futuro de uma ilusão”, “O Mal-estar na cultura”.

“PSICANÁLISE: CINCO CONFERÊNCIAS”

Na primeira das cinco conferências pronunciadas por Freud nos Estados Unidos em 1909/1910, referindo-se ao texto escrito junto com Breuer em 1895, intitulado *Estudos sobre a histeria*, generaliza os conhecimentos adquiridos até então na conhecida fórmula “os doentes histéricos sofrem de reminiscências”, e explica que os sintomas seriam resíduos simbólicos de determinados sucessos traumáticos. As observações de Breuer atribuíram a origem da doença ao fato de ter ficado impedida a exteriorização dos afetos correspondentes, e assim “estrangulados” reapareceriam em parte de forma anormal transformados em inibições e inervações somáticas (conversão), e em parte perdurariam como energia da vida psíquica.

Outra observação de Breuer concedia uma grande importância aos estados de consciência na característica do processo patológico. A paciente de Breuer (a primeira a ser tratada pelo método psicanalítico, deu-lhe o nome de *talking cure*, e o qualificou brincando de *chimney sweeping*), apresentava diferentes disposições psíquicas, estados de *absence*, alheamento e transformação do caráter junto a seu

estado normal.

Já anteriormente, por meio da hipnose e do estudo dos fenômenos hipnóticos, tinha chegado a saber que são possíveis, num mesmo indivíduo, vários grupos psíquicos que podem permanecer até certo ponto independentes entre si, e que atraem alternadamente a consciência. Tais casos haviam sido denominados de *double conscience*.

Na segunda conferência, prosseguindo com o desenvolvimento da etiologia da histeria, explica o método catártico e a gênese da dissociação psíquica: o recalque, como força que se opõe a certas lembranças, por expressarem desejos do indivíduo inconciliáveis com suas aspirações éticas ou estéticas. A idéia consciente relativa ao desejo sucumbiria ao recalque, porém este desejo permaneceria no inconsciente e quando ativado saberia “enviar à consciência uma disfarçada e irreconhecível formação substitutiva (*Ersatzbildung*)”. (FREUD, 1912, p. 1545)

Posteriormente este processo defensivo será explicado repetidas vezes ao longo de toda a obra, ficando estabelecido que o recalque recai sobre a representação e não sobre o afeto, que é deslocado de diferentes formas. Eventualmente, alude-se a possibilidade do afeto sofrer o recalque, por exemplo, como o sentimento de culpa inconsciente, mas esta questão é polêmica pois o que caracteriza um sentimento é ser experimentado conscientemente; o que ficaria recalcado seriam as raízes, as causas do sentimento e não ele.

Freud conclui a segunda conferência apontando algumas soluções possíveis para a neurose, como convencer o paciente a aceitar o desejo porque talvez, tenha sido rejeitado de maneira injustificada; dirigir esse desejo a um fim mais elevado, portanto à sublimação do desejo; e, por último, reconhecer como certa a reprovação, porém substituindo o automatismo insuficiente do recalque, pela “condenação executada com a ajuda das mais altas funções espirituais humanas, isto é, conseguir o seu domínio consciente”. (FREUD, 1912, p. 1545)

Na quinta e última conferência, concluindo a explicação dos pontos centrais do método psicanalítico, Freud chama a atenção para o seguinte:

O temido resultado final da destruição do caráter civilizado pelas pulsões liberadas do recalque é totalmente impossível, pois este temor não leva em conta (...) que o poder psíquico e somático de um desejo, quando o recalque tem fracassado, é muito maior sendo inconsciente de que sendo consciente, de maneira que a sua atração à consciência não faz outra coisa que debilitá-lo. O desejo inconsciente não é susceptível de ser influenciado e permanece independente de toda circunstância, enquanto que o consciente é refreado por tudo o igualmente consciente contrário a ele. (FREUD, 1912, p. 562)

Freud fecha essa conferência esclarecendo que durante o tratamento os desejos inconscientes são “dominados pela atividade psíquica correta dos sentimentos mais elevados” e torna a mencionar a condenação levada a cabo com meios mais eficazes, meios de que o ego carecia no momento do recalque, pois se achava imperfeitamente organizado e débil.

Pode-se observar a concepção do que *a posteriori* seria chamado de superego, semelhante ao que aparece na “Análise da fobia de uma criança de cinco anos” em 1909 onde expressa que

a análise não destrói o resultado do recalque automático e excessivo, mas o substitui pelo domínio mesurado e adequado conseguido com a ajuda das mais elevadas instâncias psíquicas... , ou seja, por um juízo condenatório, o qual seria a prova de que a consciência tem uma função biológica e que sua entrada em jogo supõe uma importante vantagem. (FREUD, 1909, p. 1539)

Em 1923 foi acrescentada uma nota a este parágrafo:

Aqui estou empregando a palavra consciência no sentido que evitei posteriormente, ou seja, para descrever nossos processos normais de pensamento, isto é, aqueles capazes de consciência. Sabemos que os processos deste tipo também podem ocorrer pré-conscientemente; é aconselhável distinguir a consciência efetiva daquela vista somente desde uma base fenomenológica. Isto, evidentemente, não contradiz as expectativas de que a consciência, neste sentido mais limitado, deva cumprir igualmente alguma função biológica. (FREUD, 1923, p. 1439)

“OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL”

Nesse texto escrito em 1910/11, Freud analisa a relação do psiquismo com a

realidade, a possibilidade de apreensão e a significação psicológica do mundo exterior, e reitera a tendência ao princípio do prazer dos processos primários inconscientes. Provavelmente o pensamento é no início inconsciente, e funciona da seguinte maneira: uma representação ideativa das impressões dos objetos e das relações entre eles (denominada “representação-coisa” ou “representação de coisa”) pelo enlace com os restos verbais percebidos pela consciência configuraria a “representação palavra” ou processo secundário do pensamento, (tal como foi previamente colocado em *A Interpretação dos sonhos*, na nota de 1925, sobre o caráter essencial de uma idéia pré-consciente).

Discorrendo sobre o surgimento da estrutura psíquica Freud deduz que, como as demandas imperiosas das necessidades não podem ser satisfeitas de fato, e nem pela via alucinatória, o psiquismo teria sido levado a se modificar, para agir de acordo com as circunstâncias reais da vida, surgindo um novo princípio de atividade psíquica, chamado de princípio de realidade. A importância adquirida pelo entorno, elevou também a dos órgãos sensoriais e a relevância da consciência, como a instância conectada ao mundo exterior, assim como a da atenção e da memória, que guarda os resultados da sua atividade periódica, na origem do discernimento e do pensamento. Gostaria de frisar a importância destas idéias para o propósito desta dissertação e destacar as prerrogativas fundamentais da consciência egóica, ainda não formulada como função de uma subestrutura do psiquismo.

“ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE INCONSCIENTE EM PSICANÁLISE”

No ano de 1912 Freud escreve “Algumas observações sobre o conceito do inconsciente na psicanálise”, onde reafirma concepções anteriores e antecipa as idéias detalhadas no escrito “O inconsciente”.

Não considero desnecessário expressar mais uma vez a definição freudiana:

Chamaremos, pois, consciente a representação que se encontra presente na nossa consciência e é objeto de nossa percepção, e este será, por ora o único e estrito sentido que daremos a esta

expressão. Em troca, denominaremos inconsciente aquelas representações latentes (...) que não percebemos, mas cuja existência estamos, porém, prontos a afirmar... (FREUD, 1912, p. 1697)

Nesse texto ele explicita o caráter eficaz de uma idéia inconsciente, a sua existência indiscutível através de provas indiretas e de um “valor quase idêntico à prova direta subministrada pela consciência”. (FREUD, 1912, p. 1698)

É importante salientar que nesse escrito Freud passa de uma concepção meramente descritiva para uma concepção dinâmica dos fenômenos psíquicos. O termo inconsciente designa especialmente idéias que apesar de sua eficácia e intensidade, mantêm-se afastadas da consciência.

Concorda com que, em tese, poder-se-ia pensar numa consciência fragmentada, de tal forma que algumas idéias dissociadas do núcleo principal formassem uma consciência à parte. Reconhece o fenômeno da dissociação da consciência, mas não com o sentido estrito que tem a palavra consciente, pois uma consciência sobre a qual nada sabe o seu possuidor ficaria descaracterizada como tal.

Configura nesse texto o inconsciente sistemático, o terceiro e mais importante sentido da expressão inconsciente na psicanálise, além do sentido descritivo e dinâmico. Numa nota de 1913, no escrito “Múltiplo interesse da psicanálise”, falando da atividade do psiquismo salienta que “a psicanálise rejeita, até hoje, a referência desta tópica psíquica a uma situação anatômica ou a uma estratificação histológica”. (FREUD, 1912, p. 1855)

“TOTEM E TABU”

Nesse estudo, datado de 1912/13, vai tomando forma uma concepção particular da consciência moral, primeira configuração do superego.

O texto freudiano recorda que no começo Wundt deu a palavra “tabu” à dupla

significação de sagrado e impuro. Essa palavra não significava primitivamente mais que o demoníaco, aquilo com o que não se deve entrar em contato. Mais tarde, a palavra tabu adquiriu um duplo significado, era utilizada para designar relações humanas caracterizadas pela ambivalência afetiva, e estendeu-se posteriormente a outras relações semelhantes.

A análise da natureza do tabu torna-se muito apropriada para esclarecer a origem e a natureza da consciência. Pode-se falar de uma consciência do tabu, provavelmente a forma mais antiga da consciência moral, e de um remorso tabu, resultante de uma transgressão. Segundo Freud, uma primeira forma de grupo social teria se organizado em torno de um pai cruel e ciumento que, apropriando-se de todas as fêmeas, ia desterrando os filhos à medida que cresciam: "Os irmãos expulsos reuniram-se um dia, mataram o pai e devoraram seu cadáver, pondo assim um fim à existência da horda paterna". (FREUD, 1912, p. 1838) No entanto, ao devorá-lo, identificaram-se com ele, interiorizando o modelo temido e invejado desse pai tirânico, violento e forte.

A consciência (moral) é a percepção interna da rejeição de determinados desejos, com a característica particular de não ter que invocar razão alguma para existir e possuir plena segurança em si mesma. (destaco o vínculo entre percepção e consciência moral). Este caráter mostra-se acentuado na consciência de culpabilidade, ao condenar atos realizados seguindo determinados desejos, e cuja motivação parece absolutamente supérflua. Aquele que possui uma consciência acha em si mesmo a justificativa para se reprovar e recriminar. É exatamente isto o que caracteriza a atitude do selvagem com respeito ao tabu, que é um mandamento da sua consciência cuja transgressão acarreta um terrível sentimento de culpa.

A consciência nasce então da ambivalência afetiva inerente a certas relações humanas, e tem a mesma condição que atribuímos ao tabu e à neurose obsessiva: um dos termos da oposição permanece inconsciente pelo recalque exercido pelo outro, obsessivamente dominante. Apresenta grande afinidade com a angústia, a ponto de se falar em consciência angustiante. Sabe-se que a angústia nasce no inconsciente, mas na consciência há também algo de inconsciente e desconhecido, ou seja, as razões do recalque. Estas articulações serão revistas e aprofundadas

nas reflexões finais.

Segundo suas concepções, Freud conjectura a origem das primeiras prescrições de ordem moral encontra-se na reação a um ato que proporcionou aos autores a noção do crime, do arrependimento e da renúncia. Esta antiga consciência de culpabilidade perdura com particular eficácia entre os neuróticos obsessivos nos quais produz novos preceitos e restrições expiatórias; neles, a culpa não é relativa a ato algum, senão a sentimentos ou desejos “maus”, ancorada numa realidade meramente psíquica, não material.

“AS PULSÕES E SEUS DESTINOS”

Nesse ensaio, Freud imagina o surgimento do psiquismo e os primórdios da vida psíquica, que retomaria mais adiante em “Além do princípio do prazer”, descrevendo liricamente com estas palavras: “Numa época indeterminada foram despertadas na inanimada matéria, pela ação de forças inimagináveis, as qualidades do vivente... a tensão... tentou nivelar-se, aparecendo assim o primeiro instinto: o de voltar ao inanimado”. (FREUD, 1920a, p. 2526)

O caráter inadiável das necessidades pulsionais, e o de reagir apropriadamente aos estímulos do mundo criaram e desenvolveram no ser vivente uma primeira diferenciação da substância nervosa, orientada para fora a fim de permitir a fuga quando necessária, e também capaz de receptor e identificar os estímulos internos. A “substância perceptiva do ser vivente” achara o modo eficaz de agir e discriminar o exterior do interior.

Acredito ser esta mais uma menção à consciência, como função biológica de sobrevivência. Porém, em “Além do princípio do prazer”, descrevendo este mesmo momento, parece estar se referindo a outro processo, porque diz: “Talvez este processo serviu de modelo àquele outro que depois fez surgir a consciência em determinado estado da matéria inanimada”. (FREUD, 1920a, p. 2526)

No meu entender Freud estaria se referindo, então, ao aparecimento da

capacidade psíquica antes de qualquer divisão, portanto, como formação primitiva ligada à percepção, imprescindível à subsistência, pré-psíquica, porque inaugural do psíquico e que, após o mítico recalque primário, constitui o *id* inconsciente.

A consciência, surgindo do *id* pelo contato direto com o exterior, corresponderia a um outro momento evolutivo, uma consciência não rudimentar, portanto mais elaborada, como função de uma estrutura egóica organizada.

Como para Freud vai se tornando insuficiente pensar os processos psíquicos em termos de inconscientes ou conscientes, cada vez mais se impõe a criação de uma segunda tópica, separada em três instâncias o *id*, o *ego* e o *superego*, que não substitui a primeira, mas se ensambla com ela.

Em um dos seus mais fundamentais ensaios metapsicológicos, “Introdução ao narcisismo”, de 1914, encontramos o conceito de *superego* antevisto como ideal do *ego*, e chama a atenção uma pequena nota que transcrevo literalmente: “Não posso precisar aqui se a diferenciação da instância, censora do restante do *ego* é base suficiente para a distinção filosófica entre consciência e autoconsciência”. (FREUD, 1914, p. 2031)

“O RECALQUE” e “O INCONSCIENTE”

A seguir será feita a referência a estes dois textos conjuntamente, pela óbvia inter-relação entre eles. Em essência, o recalque consiste exclusivamente em rejeitar determinados conteúdos para mantê-los afastados da consciência. Supõe-se uma primeira fase, o recalque primário, na qual o representante psíquico da pulsão vê negado o seu acesso à consciência, produzindo-se uma fixação, ou seja, a representação perdura imutável a partir de então, ficando aderida à pulsão. Na segunda fase, o recalque propriamente dito recai sobre as ramificações das representações recalçadas e sobre outras idéias associadas a elas. O recalque é uma força opressora (*nachdrängen*) posterior. Seria errôneo restringi-lo à repulsa que emana da consciência, sendo indispensável levar em conta a atração exercida pelo primitivamente recalcado. O estudo das psiconeuroses revela que o recalque

não atrapalha senão a relação com o sistema psíquico consciente, já que o recalçado se desenvolve mais livre e amplamente quando subtraído à influência da consciência.

Acompanhando o raciocínio freudiano, pode-se alegar, em apoio à existência de um estado psíquico inconsciente, o fato de que a consciência registra um conteúdo limitado num dado momento, de modo que a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve se achar, durante longos períodos, em estado de latência (inconsciência psíquica).

Julgamos, disse Freud, no que diz respeito à consciência dos animais, que ela não existe nas plantas, e relegamos ao misticismo a hipótese de uma consciência do inanimado.

Os casos conhecidos de *double conscience* (dissociação da consciência) nada provam contrário à nossa teoria do inconsciente, podendo ser considerados como dissociação das atividades psíquicas em dois grupos, para os quais a consciência se orienta alternadamente.

A psicanálise afirma que os processos psíquicos são inconscientes e compara a sua percepção pela consciência com a que os órgãos sensoriais fazem do mundo exterior.

Na primeira parte do escrito “O Inconsciente”, chamada “Justificação do conceito do inconsciente”, prossegue aportando provas da existência de um estado psíquico inconsciente dizendo que esta hipótese é legítima e necessária, uma vez que os dados da consciência são incompletos. Os atos conscientes resultam ausentes de sentido e coerência a menos que se intercale entre eles atos inconscientes, só assim formarão um conjunto inteligível e ordenado.

Opõe-se novamente à assimilação do consciente com o psíquico tomado como axioma, a partir do qual as lembranças latentes seriam compreendidas como restos de processos somáticos. Essa identificação é totalmente imprópria, pois a consciência não oferece ao indivíduo mais do que uma aproximação aos seus

próprios estados psíquicos e, por analogia, acredita-se que os demais também possuam uma consciência, ou seja, seria uma dedução e não uma experiência direta e irrefutável. Nas palavras de Freud: “Atribuímos aos outros nossa própria constituição, e também a nossa consciência, e esta identificação é um *sine qua non* de nossa compreensão”. (FREUD, 1915, p. 2063)

Seguindo um procedimento dedutivo não se chegaria ao descobrimento de um psiquismo inconsciente, mas à hipótese de uma segunda consciência unida a que conhecemos; porém, uma consciência ignorada pelo próprio sujeito é muito diferente de uma consciência alheia. É evidente que quem não consegue admitir o inconsciente menos admitirá uma consciência inconsciente. Trata-se, então, de atos psíquicos carentes de consciência. Freud considera incorreto e susceptível de induzir ao erro a palavra “subconsciência”.

Se fosse admitida a existência de uma segunda consciência, diz ele, haveria de se aceitar uma terceira, e uma quarta, e toda uma série ilimitada de estados ocultos, já que os processos psíquicos latentes são independentes entre si. Além disso, eles possuem características muito diferentes e até opostas às conhecidas como conscientes. Então, como chegar ao conhecimento do inconsciente? Somente o conhecemos como consciente, depois de ter experimentado uma transformação ou tradução para o consciente. Alguns dos atos latentes pouco se diferenciam dos conscientes, mas os inconscientes recalcados apresentam diferenças notáveis.

Freud, na segunda parte intitulada “A multiplicidade de sentido do inconsciente e o ponto de vista tópico”, chama a atenção para o fato de que devemos nos resignar ao equívoco que representa utilizar os termos consciente e inconsciente, ora em sentido descritivo ora em sentido sistemático. Coloca a questão de que talvez seria melhor designar os sistemas com outros nomes arbitrários que não aludissem em nada à consciência, mas a psicanálise fundamenta a diferenciação dos sistemas no atributo de ser ou não consciente, que constitui o ponto de partida de todas as investigações.

A continuação, volta a caracterizar os sistemas segundo sua capacidade de consciência, inferindo que, perante a “aceitação destes dois (ou três) sistemas”, a

psicanálise tem se afastado ainda mais da psicologia da consciência da qual se diferenciava principalmente pela compreensão dinâmica do psíquico, acrescida do ponto de vista tópico, ou seja, da tentativa de localizar um ato psíquico qualquer, dentro deste ou daquele sistema. Por esta aspiração, “a psicanálise recebeu o qualificativo de psicologia das profundezas (*Tiefenpsychologie*)”. (FREUD, 1915, p. 2065)

Reitera que a tópica psíquica não tem nada a ver com a anatomia, e retoma os destinos das emoções inconscientes, explicando que o verdadeiro fim do recalque é a coerção do desenvolvimento do afeto, apesar da expressão afeto ou emoção inconsciente se referir aos destinos que o recalque impôs à energia pulsional.

O sistema consciente regula normalmente a motricidade e a afetividade, e eleva o valor do recalque porque não só exclui da consciência as idéias indesejáveis, mas impede o desenvolvimento do afeto.

Considero importante frisar que Freud está dizendo que o domínio da motricidade voluntária pertence ao sistema consciente, e encontra-se firmemente enraizado nos indivíduos normais e até neuróticos, e somente perante a psicose esse domínio é perdido. O poder do consciente sobre as emoções é mais frágil e disputa com o inconsciente o controle da afetividade.

Na quinta sessão, chamada “Qualidades especiais do sistema Inc.”, encontra-se uma primeira menção ao trabalho sobre a consciência que Freud teria escrito. Fazendo referência à completa significação do sistema Inc, ele diz que realmente poderá ser apreciada quando comparada às características do sistema Prec., e anuncia que prefere adiar esta comparação até “ocuparmos do sistema superior”. (FREUD, 1915, p. 2073) Para Strachey, Freud estava se referindo ao trabalho sobre a consciência, que não chegou a ser conhecido.

No “Esboço de um mapa da obra de Freud”, elaborado pela Dra. Inês Loureiro menciona-se que Freud planejara escrever outros artigos metapsicológicos, para totalizar uma série de doze. Acredita-se que foram escritos, mas desapareceram,

destruídos pelo autor, os temas abordados: a consciência, a angústia, a histeria de conversão, a neurose obsessiva, as neuroses de transferência, a sublimação e a projeção (ou a paranóia) Os anteriores seriam “As pulsões e seus destinos”, “O Recalque”, “O inconsciente”, “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, “Luto e melancolia”.

Mais adiante, no mesmo escrito, Freud inicia um parágrafo invertendo a direção das suas investigações, (até então, seguia uma direção ascendente desde o sistema Inc. até o Cc.; a partir desse momento, a consciência será tomada como ponto de partida), desta maneira: “Investigando mais detidamente em outro lugar” (FREUD, 1915, p. 2075), o que é interpretado por Strachey como outra referência ao manuscrito perdido Uma terceira referência ao trabalho ignoto seria a seguinte: ao reparar que na descrição das representações conscientes e inconscientes tinha se afastado um pouco do seu objetivo dos atributos inconscientes, ele diz que “com estas especulações abandonamos nosso verdadeiro tema, entrando em cheio nos problemas do pré-consciente e do consciente, que seria mais adequado reservar para uma investigação especial”. (FREUD, 1915, p. 2082)

Em 1915, Freud escreve “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”, ensaio que considero importante trazer aqui, porque aborda um ponto chave: o exame da realidade, ou prova de realidade, levado a cabo pelo sistema percepção/consciência. Este sistema tem a capacidade fundamental de diferenciar percepções de representações, de distinguir a realidade da alucinação, da idéia delirante, do sonho. Diz Freud: "... É de grande importância prática discriminar as percepções das idéias. Toda nossa relação com o mundo exterior, ou seja, com a realidade, depende de nossa habilidade para fazê-lo assim”. (FREUD, 1915, p. 2088) Nas últimas considerações do texto “O Inconsciente”, tinha alertado:

Quando pensamos abstratamente corremos o risco de desatender as relações das palavras com representações de coisa inconscientes, e não se pode negar que nosso filosofar alcança então uma indesejada analogia de expressão e de conteúdo com a atividade mental dos esquizofrênicos.(...) a maneira de pensar dos esquizofrênicos se caracteriza pelo fato de manejar as coisas concretas como abstratas. (Freud, 1915b, p. 2082)

Freud tenta explicitar as qualidades singulares que caracterizam o consciente;

porém, adia mais uma vez a investigação específica, e reconhece que algumas questões continuam sem solução, como por exemplo, a de que não coincide por completo o fato de que alguma coisa se faz consciente pela pertinência a um sistema, tendo em vista que podem ser percebidas imagens sensoriais mnemônicas, tornando impossível reconhecer-lhes um lugar psíquico. .A função importante de orientação no mundo através da discriminação de um interior e de um exterior corresponde exclusivamente ao sistema percepção/consciência. O exame da realidade, assim como as censuras, fazem parte das "grandes instituições do eu". Nesse parágrafo, com os elementos teóricos que contava, Freud atribuía o teste de realidade ao ideal de ego, como já tinha feito ao tratar a "Psicologia das massas e análise do ego". Posteriormente ficaria determinado que a prova de realidade é executada pelo núcleo do eu, o sistema percepção/consciência.

A publicação da série de "Lições introdutórias à psicanálise" reproduz as conferências pronunciadas por Freud entre 1915 e 1917, e constitui uma das obras mais difundidas da sua teoria. Como ela é um compêndio das idéias principais já apresentadas, mesmo que de maneira resumida, extraio somente um parágrafo concernente ao tema desta dissertação. Com o intuito de explicar os conceitos fundamentais, e em especial a noção de inconsciente, afirma que os processos psíquicos são em si mesmos inconscientes, e que os processos conscientes não são senão "atos isolados ou frações da vida psíquica total", e que

... estamos acostumados a identificar o psíquico com o consciente, considerando precisamente a consciência como o caráter definidor do psíquico e a psicologia como a ciência dos conteúdos da consciência", para enfatizar que a psicanálise entende o psíquico como "os processos da natureza dos sentimentos, do pensamento e da vontade", e reafirma que "existe pensamento inconsciente e uma vontade inconsciente". (FREUD, 1915b, p. 2129)

PARTE 2

A VOZ DA CONSCIÊNCIA

A etimologia da palavra alemã *aggression* remonta ao latim *aggredi*, que significa dirigir-se a alguém, atacá-lo, e tem origem na raiz *gradi*, andar. Na teoria freudiana, a agressividade não se restringe a determinados atos hostis dirigidos a um outro, pois constitui um elemento afetivo lábil.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, a agressividade aparece integrando à libido, associada à genitalidade e à atitude própria do macho, referida também à idéia de uma crueldade primitiva, restos do arcaico desejo canibalístico, à oralidade e à analidade; e no livro “O mal-estar na cultura”, Freud aponta para a “ubiquidade das tendências agressivas e destrutivas não eróticas”. (FREUD, 1930, p. 3051)

Os impulsos agressivos, amalgamados aos amorosos, caracterizam uma parte das inclinações afetivas para com os pais, compondo o complexo de Édipo, mas apresentam-se de forma diferente em ambos os sexos; na mulher, a agressividade está dirigida sobretudo à mãe. A ambivalência, misto de amor e de ódio pelo mesmo objeto, seria, no caso da menina, mais difícil de discriminar, ao passo que, no menino, o amor originário pela mãe (numa linha heterossexual de desenvolvimento) não se junta às tendências hostis para com o pai.

Na teoria de Melanie Klein, a agressividade é o motor do psiquismo, e o amor pelo objeto, uma construção posterior altamente elaborada.

Em “As pulsões e os seus destinos”, Freud afirma que o ego acolhe e introjeta os objetos que representam fonte de prazer, afastando de si os que ocasionam sofrimento:

O ego odeia, abomina e persegue com propósito destrutivo todos os objetos que chega a supor fonte de sensações de desprazer, constituindo uma privação da satisfação sexual ou da satisfação das necessidades de conservação. Pode-se inclusive afirmar que o verdadeiro protótipo da relação de ódio não procede da vida sexual,

senão da luta do ego pela preservação. (FREUD, 1915c, p. 2050)

Mais adiante, no mesmo escrito, afirma que “O ódio é, com relação ao objeto, mais antigo que o amor” (FREUD, 1915c, p. 2051), idéia que remete a uma frase de W. Stekel que Freud tinha lido, sem chegar a compreender claramente, segundo a qual o sentimento primário entre os homens é o ódio.

A idéia da anterioridade e precedência dos impulsos hostis encontra-se também no ensaio “A disposição à neurose obsessiva”, de 1913. Freud aponta para o fato de os neuróticos obsessivos terem desenvolvido uma super moral para defender o seu amor pelo objeto da própria hostilidade encoberta. Acredita que, provavelmente, tenha ocorrido uma antecipação da evolução do ego, e uma fixação na fase anal (pré-genital) sob a qual se assentaria a gênese da moralidade.

Segundo o autor, no texto “Os atos obsessivos e as práticas religiosas”,

o sujeito que padece de obsessões e proibições se conduz como se estivesse sob a soberania de uma consciência de culpabilidade da qual nada sabe (...) de uma consciência inconsciente de culpa, por contraditórios que pareçam os termos de semelhante expressão (...) originada em certos acontecimentos psíquicos precoces, mas que encontra uma renovação constante (...) e gera, ademais, uma expectativa angustiante de acontecimentos funestos, enlaçada pela idéia do castigo à percepção interior da tentação. (Freud, 1907, p. 1340)¹

Aparentemente, haveria uma discrepância entre os fatos e a magnitude da consciência de culpa. No entanto, esclarece Freud, o afeto tem intensidade legítima, apenas corresponde a um outro conteúdo; pelo mecanismo de deslocamento estabeleceu-se um falso enlace. O efeito terapêutico, durante o tratamento, seria conseguido fazendo a conexão certa entre a idéia e o afeto, ou seja, reunindo o separado pelo recalque.

Assinala, também, que as recriminações neuróticas surgiriam pela transgressão de uma lei moral interna, pois idéias antitéticas existem no psiquismo dissociado, e afirma que a neurose obsessiva deixa ver, muito mais claramente do que a histeria, como os fatores desencadeantes das psiconeuroses não devem ser

buscados na vida sexual adulta, mas na infantil.

Seguindo esta linha de raciocínio, a criança reage agressivamente à frustração de suas exigências libidinais. A hostilidade que a criança sente em relação aos pais seria decorrente das privações que eles próprios impingem. Segundo Oscar Masotta, no livro *Dualidade psíquica: o modelo pulsional*, o sujeito humano se erogeniza num "mau lugar", houve como uma promessa, uma ilusão erótica criada pelos pais, e depois, quebrada. Paradoxalmente, os mesmos objetos que despertaram os impulsos de amor, são os que os interditam. A menina se insurge contra a mãe que frustra, e o menino ataca o pai que proíbe. É pela introjeção destas figuras parentais tão amadas e tão temidas que se constitui o germe do superego.

Freud chama a atenção para a relação entre a atividade autopunitiva, o sadismo do superego dentro e contra o próprio sujeito, e o castigo real recebido dos pais. A severidade do superego não é necessariamente proporcional à punição, e quando o sujeito não consegue satisfazer os impulsos de agressão, jogando-os para fora, estes podem se voltar contra o próprio ego, agravando assim o sadismo superegótico.

Nas neuroses obsessivas e nas fantasia perversas, parece observar o surgimento precoce do componente sádico da sexualidade. A criança pode reagir violentamente, raivosa, ao castigo do pai. É famoso o exemplo do caso do "homem dos ratos" que, pequeno ainda, teve um acesso de fúria ao ser açoitado pelo pai. Como não conhecia alguma palavra decididamente agressiva com que pudesse atingi-lo, começou a lançar-lhe os nomes de todos os objetos conhecidos, "chamando-o de prato, lâmpada, toalha etc". (FREUD, 1909a, p. 1466) Perante a reação do menino, impressionado e até atemorizado, o pai interrompeu o castigo, dizendo: "Este menino será um grande homem ou um grande criminoso".

Segundo Masotta, nesse relato pode-se ver "em câmara lenta, o nascimento do superego, feito com o estofado das palavras ouvidas que constituem a fórmula do

¹ Segundo Strachey esta seria a primeira vez que Freud utiliza a expressão "consciência inconsciente de culpa".

oráculo parental (...) que, desde então, o sujeito propor-se-á secreta e teimosamente cumprir”. (MASOTTA, 1986, p. 76)

O conflito entre o filho e o pai, e a lei que este representa, entranha uma hostilidade fundamental que Freud remonta miticamente à filogênese, ao tema da horda primitiva, e à morte do pai primevo. Como relatado em “Totem e tabu”, uma primeira forma de grupo social teria se organizado em torno de um pai cruel e ciumento que, apropriando-se de todas as fêmeas, ia expulsando os filhos na medida em que cresciam: “Os irmãos expulsos reuniram-se um dia, mataram o pai e devoraram seu cadáver, pondo assim um fim à existência da horda paterna”. (FREUD, 1913c, p. 1838)

A horda fraterna - é esta a hipótese freudiana -, tinha pelo pai os mesmos sentimentos contraditórios que compõem o complexo paterno infantil, e uma vez satisfeitos os desejos parricidas, os sentimentos carinhosos teriam prevalecido, surgindo, então, os remorsos e a consciência de culpabilidade. O pai morto adquiriu um poder ainda maior daquele que detinha em vida, agindo desde o interior da psique, pois os filhos passaram a proibir-se a si próprios o que o pai proibia, e a obedecer, retrospectivamente, os mesmos preceitos que o pai sustentara.

A consciência de culpabilidade teria gerado os dois tabus fundamentais do totemismo, o tabu do parricídio e o do incesto, nos quais encontra-se o nascimento da moral humana, e que coincidiriam, na psicanálise, com os desejos recalcados no complexo de Édipo. A criança renunciando à satisfação dos desejos edipianos interditos, “transforma o investimento nos pais em identificação com os pais”, tal como é explicado no verbete *superego* do *Vocabulário da Psicanálise*.

A análise do tabu, como já foi mencionado na primeira parte desta dissertação, esclarece, de certa forma, a natureza e origem da consciência moral. “A consciência tabu constitui, provavelmente, a forma mais antiga da consciência moral”. Ela é

a percepção interna da repulsa de determinados desejos (...) sua principal característica é que essa repulsa não precisa invocar razão alguma e possui plena seguridade em si mesma. Este caráter

ressalta claramente na consciência de culpabilidade, ou seja, na percepção e na condenação de atos que temos levado a cabo influenciados por determinados desejos. Um motivo desta condenação parece absolutamente supérfluo. Todo aquele que possui uma consciência deve achar em si mesmo a justificativa e deve ver-se impulsionado por uma força interior a recriminar-se e recriminar aos demais por tais atos. (...) Um mandamento de sua consciência cuja transgressão é seguida de um espantoso sentimento de culpa (...) a consciência nasce de uma ambivalência afetiva inerente a determinadas relações humanas, e tem por condição (...) que um dos termos da oposição permaneça inconsciente e seja mantido assim em estado de recalque, pelo outro obsessivamente dominante. (FREUD, 1913c, p. 1791).

É importante assinalar que Freud insistiu na idéia do superego ser constituído essencialmente por representações de palavras provenientes das percepções auditivas, dos preceitos inculcados pelos pais e outras figuras significativas, de autoridades introjetadas que "pesaram sobre o eu", ou apreendidos através da leitura.

O sentimento de culpa enlaça-se à angústia de tal maneira que se pode falar numa "consciência angustiante", permanecendo inconscientes e desconhecidas as razões do recalque, pois, como diz Freud: "... aquilo que se encontra severamente proibido tem de ser objeto de um desejo, que necessidade haveria de proibir o que ninguém deseja realizar?" (FREUD, 1913c, p. 1791) Tais desejos positivos perduram inconscientes no psiquismo, e determinam o caráter angustiante da consciência que se manifesta através de palavras, quando se poderá "ouvir distintamente **a voz da consciência**". (FREUD, 1913c, p. 1792)

O superego não é apenas um resto das primitivas escolhas objetais, mas constitui também uma enérgica formação reativa contra elas. Nas "Novas lições introdutórias à psicanálise", sustenta que, desde o início, a etiologia das doenças psíquicas tem a ver com o conflito entre as exigências pulsionais, e a oposição contra elas de uma parte do ego, "resistente, repelente e repressora". (FREUD, 1933, p. 3134)

De início, o superego não constitui um sistema separado, ele é como uma parte do eu, na medida em que o ego pode se tomar como objeto, pode tratar a si mesmo como trata a outros objetos, observar-se e criticar-se, porque é dissociável.

Sublinha o seu caráter vigilante e ameaçador, postulado como um traço regular de toda estrutura psíquica. Freud diz ter concluído tudo isso pela observação de quadros patológicos graves, onde o superego parece ter-se afastado do eu e deslocado, erroneamente, para a realidade externa, provocando os delírios alucinatórios auditivos.

No entanto, reconsiderando o estatuto desta instância, outorga-lhe uma existência independente, através da observação dos quadros melancólicos, onde o superego mostra toda sua crueldade e o rigor extremado com que "agride, humilha e maltrata o pobre ego". (FREUD, 1932, p. 3138) Na melancolia, o superego aplica um severo critério moral, deixando o ego "inerte à sua mercê", erigindo-se no representante da moralidade, e revelando que o sentimento de culpa é a expressão da luta entre o ego e o superego.

Na teoria freudiana, a formação do ego ideal precede a do ideal do ego, pois este seria a tentativa de reeditar a vivência narcisista de plenitude que o caracteriza. O ideal engloba a soma de todas as restrições a que o eu deve se submeter, e deste modo o retorno do ideal ao eu, que encontra de novo o júbilo de si mesmo, Freud supõe que deve constituir uma magnífica festa. Essa coincidência produz sempre uma sensação de triunfo, enquanto a tensão entre o eu e o ideal, cria o sentimento de culpabilidade.

No livro *Freud e a consciência* (França Neto, 1998), a ordem do aparecimento destas instâncias é invertida. Com base na "Introdução ao narcisismo", é postulada a anterioridade do ideal como forma pré-existente, antecedendo ao próprio sujeito, e possibilitando a sua condição humana. Desde esta ótica, o sujeito nasce imerso no mundo simbólico e estrutural da cultura, representada no psiquismo pelo ideal do ego, que originaria e moldaria, depois, o ego ideal. Sob esta perspectiva, pode-se entender que, a organização psíquica estaria marcada pelo caráter moral que a precede, coincidindo assim com a idéia kantiana.

Freud reconhece no imperativo categórico kantiano um mandato superegóico, resgata as palavras de Kant quando diz que não há prova mais convincente da grandeza de Deus do que o céu estrelado e a consciência moral, embora questione,

com certa ironia, a origem divina da consciência. Lembremos que o célebre imperativo está formulado assim: "Age conforme a uma máxima tal que possas querer, ao mesmo tempo, que ela se transforme em lei universal". (BREHIER, 1956, p. 203)

Levy coloca que, segundo Kant,

quando a faculdade de desejar se fixa em desejos, mesmo que parcialmente contaminados pela ordem da necessidade, ela permanece ainda sob o domínio de uma relatividade ética e moral (...) só poderia se afirmar como causa da realização da humanidade quando se deixasse governar (ou anular) por um desejo-antidesejo, isto é, por um desejo ou valor absoluto com o qual todos os humanos se identificassem *a priori*, e reconhecessem nele sua causa primeira subjetiva (...) os indivíduos, ao aderir a esse valor, pudessem orientar a conduta por um dever moral absoluto (...) que anulasse todos os deveres para com outros desejos (...) não importando se essa causa primeira é concebida como lei universal subjetiva (...) ou como determinação universal objetiva do ser. (LEVY, 1990, p.162)

Na teorização freudiana, o superego, como se pode deduzir, não é dado desde o início, "a criança pequena é amoral, não possui inibição interna dos seus impulsos que buscam o prazer". (FREUD, 1932, p. 3135) O papel desempenhado pelos pais que, desde fora, exigem e coíbem, será assumido pelo superego desde dentro. A angústia real da criança pequena que teme a perda do amor deles, por sobre todas as coisas, é a precursora da angústia perante a consciência moral já incrustada no psiquismo. Por isto, no entender de Freud, o superego, se apropriando do poder, da função e até dos métodos da figura parental, não é tão-somente o seu sucessor legal, mas também o "herdeiro legítimo" daquela.

Às vezes, Freud parece referir-se exclusivamente à autoridade paterna, e outras, a ambos os pais que pela via identificatória instauram o superego como um vínculo indissolúvel. Esta instância superior é uma circunstância estruturante, entrelaçada ao destino do complexo edipiano, e não personifica simplesmente uma abstração como a consciência moral, ele é também um "substrato do ideal do ego, com o qual se compara, ao qual aspira, e cuja demanda de perfeição sempre crescente se esforça em satisfazer". (FREUD, 1932, p. 3137)

A prolongada dependência infantil acarreta sentimentos de culpa e de

inferioridade. O conflito central entre o ego e o superego é permanente e insolúvel, porque ele representa todas as restrições morais, é o advogado de todas as aspirações de perfeição, ou seja, aquilo que é considerado o mais elevado na vida do homem, foi psicologicamente apreendido. É importante esclarecer que o superego não é construído conforme o modelo parental, senão ao superego dos pais, representando a tradição herdada dos valores permanentes, que dessa forma têm se transmitido através das sucessivas gerações.

Após esta introdução ao tema da consciência moral do superego, retomo cronologicamente os passos de Freud.

“ALGUNS TIPOS DE CARÁTER ENCONTRADOS NO TRABALHO PSICANALÍTICO” (Os delinqüentes por sentimento de culpabilidade)

Com esse texto, escrito em 1916, deslizamos da primeira para a segunda tópica psíquica, tal como Freud a formularia mais claramente em “O ego e o id”. A consciência de culpa é vinculada à consciência moral (inconsciente), hipótese presente em “Totem e tabu” e atrelada ao "mito da horda primitiva", já mencionado.

Ao discorrer sobre “Os delinqüentes”, Freud afirma que o sentimento de culpabilidade precede ao fato, e que a origem do sentimento se encontra no complexo de Édipo, sendo uma reação às duas terríveis intenções criminais, matar o pai e gozar da mãe.

Os delitos cometidos que desencadeiam o sentimento de culpa representariam um alívio para o sujeito atormentado, se comparados com o parricídio e o incesto, que constituem os dois magnos delitos dos homens, os únicos perseguidos e condenados em todas as sociedades primitivas. Outras investigações aproximaram Freud da idéia de que a humanidade extraiu a sua consciência do complexo edipiano, e que hoje se manifesta como "*potencia psíquica herdada*".

Freud menciona Nietzsche, que sustenta uma idéia semelhante, a pré-existência do sentimento de culpa, na primeira parte do livro *Assim falou Zarathustra*, intitulada "Do pálido delinqüente". Vale a pena ouvir Nietzsche/Zarathustra interpelando os juizes de um "pálido criminal" acusado de roubar e matar que, de cabeça baixa, aguarda ser julgado.

Meu eu é algo que deve ser superado; meu eu é, para mim, o grande desprezo dos homens; assim dizem esses olhos.

O instante em que se julgou a si mesmo foi seu momento supremo.

Não há redenção para quem sofre a causa de si mesmo, a não ser uma morte rápida.

E tu mesmo, juiz rubicundo, se alguma vez proclamaras em voz alta quanto tens feito em pensamento, todos te gritariam: Fora essa imundície, esse réptil venenoso!

Mas uma coisa é o pensar, outra o fazer, e outra a imagem do fazer. A roda da fortuna não gira entre elas ...

Ouçam, juizes! Há, ainda, outra loucura: a de *antes* do ato! Ai, não têm aprofundado bastante nos recantos da alma!. (NIETZSCHE, 1984, p. 74/75)

“UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE”

Em “Uma dificuldade da psicanálise”, escrito em 1917, Freud refere-se às três grandes ofensas ocasionadas ao amor próprio da humanidade, através do tempo, consideradas por ele três "feridas narcísicas", a saber, a injúria cosmológica (a terra não é o centro do universo), a afronta biológica (o homem procede da escala zoológica) e o agravo psicológico, segundo o qual, o homem não é soberano na sua própria alma.

Considero necessário abordar esse texto, mesmo que rapidamente, porque ele transmite o conflito básico entre as diversas partes do psiquismo, e o relativo poder que o eu "consciente" tem sobre o acontecer psíquico, assim como reitera a etiologia sexual do adoecimento neurótico.

Freud descreve a batalha interna de uma psique abalroada por contrários e imperiosos desejos. Diz que em algum lugar do núcleo do eu, criou-se um "órgão inspetor" que vigia os impulsos e os atos, inibindo-os quando as suas aspirações

são contrariadas. Acredita que a percepção interna, a consciência do eu, participa de todos os acontecimentos psíquicos importantes, e trata de ordenar e modificar os diferentes impulsos, dirigindo o que a vontade haverá de executar. Mas, como diz Freud, "a alma não é algo simples, senão uma hierarquia de instâncias" (FREUD, 1917, p. 1192), uma confusão de desejos que tendem a se cumprir independentemente uns dos outros, ao mesmo tempo em que deve atender às múltiplas demandas externas.

Para que a instância superior exerça a sua função, é preciso que as informações sejam verdadeiras e que os mandatos sejam transmitidos e obedecidos; porém, o que ocorre nas neuroses, é que o eu encontra limitações do seu poder, chegando a sentir-se desgostoso consigo mesmo, como se hóspedes indesejáveis tivessem se introduzido dentro de sua própria alma.

A psicanálise, diz Freud, exorta o eu da seguinte forma:

Uma parte de tua própria vida psíquica tem-se subtraído a teu conhecimento, e a soberania de tua vontade. Por isso é tão débil tua defesa, combates com uma parte da tua força, uma outra parte, e não podes reunir toda a tua energia como o farias contra um inimigo externo. E nem sequer é a pior parte, ou a menos importante (...) Mas, é tudo culpa tua, por ter superestimado as tuas forças acreditando que podias fazer o que quiser com as tuas pulsões sexuais (...); elas se rebelaram, então, e seguiram os seus próprios obscuros caminhos (...); conheces o sintoma (...) mas não o reconheces como derivação de teus próprios impulsos rechaçados, nem sabes que é uma satisfação substitutiva dos mesmos (...); tudo isto é possível porque incorres em um grave erro, confias em que tudo o que sucede na tua alma chega a teu conhecimento (...) chegas inclusive a identificar o anímico com o consciente. Deixa te instruir sobre este ponto (...), as notícias de tua consciência são incompletas e muitas vezes nada fidedignas, te conduzes como um rei absoluto que se contenta com as informações que lhe dão os altos dignatários, e não desce jamais até o povo para ouvir a sua voz. Adentra-te em ti, desce a teus estratos mais profundos e aprende a conhecer a ti mesmo. (FREUD, 1917b, p. 2435/36)

Esta citação contém um valor psicanalítico especial, porque concentra as duas teses centrais da psicanálise, a de que a vida pulsional não pode ser domada totalmente, e a de que os processos psíquicos são inconscientes, que levariam Freud a afirmar que "o eu não é dono e senhor dentro da sua própria casa".

Acho importante mencionar que Freud conclui esse texto reconhecendo Schopenhauer "o grande pensador" como um precursor de suas idéias, dizendo que a chamada "vontade inconsciente", da sua filosofia, poderia equiparar-se às pulsões da psicanálise.

“BATE-SE NUMA CRIANÇA”

Continuando a seqüência cronológica dos textos, chegamos ao ano de 1919, em que Freud escreve “Bate-se numa criança” com o subtítulo de “Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”, onde prossegue teorizando sobre a consciência de culpa. Ele volta a relacioná-la aos desejos eróticos incestuosos recalçados; alude à fantasia infantil na qual uma outra criança apanha do pai, proporcionando um intenso sentimento de culpa, por implicar um triunfo insuportável sobre outro, encontrando o prazer junto com o castigo.

A fantasia em que a própria criança é maltratada seria a expressão direta da consciência de culpabilidade à qual sucumbe o amor ao pai. No entender de Freud, se fez masoquista. "Que eu saiba, é este um fato constante. A consciência de culpabilidade é sempre o fator que transforma o sadismo em masoquismo". (FREUD, 1919a, p. 2471)

Para ele, a consciência de culpa sente perante o sadismo a mesma repulsa que diante da escolha de amor incestuosa, e se acentua durante a fase genital do desenvolvimento, persistindo a partir dela como uma "cicatriz" análoga à constituída pelo sentimento de inferioridade.

Desde esta ótica, pode-se pensar que dentro da estrutura do ego, a consciência de culpa está associada, na qualidade de consciência crítica, à parte que se opõe ao restante, e segregando-se dele produz o delírio de ser observado. Aqui, acredito, as idéias de Freud aparecem um pouco confusas, mas serão, posteriormente, esclarecidas.

“O ESTRANHO”

Cito rapidamente este escrito porque nele aparece uma nota que faz referência a duas denominações diferentes da consciência. Freud volta a explicar que nas fases ulteriores da evolução do eu se desenvolve uma instância singular que serve de auto-observação e autocrítica à censura que "a nossa consciência conhece como consciência". A nota do tradutor ao pé da página indica que neste momento Freud introduz o precário neologismo "*consciência*", correspondendo ao alemão *Bewusstsein*, com seus derivados consciente, conscientizar, conscientizado referindo-se à antítese dinâmica consciente/inconsciente, assim como a palavra consciência, equivalente ao alemão *Gewissen*, ficará reservada para designar uma das funções da instância censora do superego.

No caso patológico do delírio de auto-referência, esta instância é isolada do eu, fazendo-se mais claramente perceptível. A existência de semelhante instância, susceptível de tratar ao resto do eu como um objeto, ou seja, a possibilidade do homem observar-se a si mesmo, permite que a representação do duplo tenha um novo sentido.

“ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER”

Esse escrito tornou-se especialmente central na obra freudiana, por introduzir a idéia da existência da pulsão de morte, recolocando o princípio do prazer como propulsor psíquico. No que tange ao princípio de realidade, vinculado à faculdade da consciência, é essencial lembrar que, sendo o prazer e o desprazer sensações conscientes, aparecem ligadas ao eu.

Durante o tratamento, diz Freud, a resistência à cura procederá dos mesmos sistemas superiores que levaram a cabo, anteriormente, o recalque, e propõe uma forma de escapar à falta de clareza opondo, no lugar de eu consciente e eu inconsciente, o eu coerente e o recalcado. Grande parte do eu é inconsciente, sobretudo a que se denomina nódulo do eu, e do qual só um escasso setor fica compreendido no chamado pré-consciente. Mais tarde ele diria que o nódulo é

constituído pelo sistema percepção/consciência e, em outro momento, o situaria no superego.

Assevera mais uma vez que a consciência não pode ser um caráter geral dos processos psíquicos, mas apenas uma função especial do sistema posicionado na fronteira entre o exterior e o interior, a sede da consciência e localizada, então, na capa exterior do córtex cerebral.

Remonta-se à gênese psíquica, nos mesmos termos descritos no “*Projeto*”, o fenômeno da consciência surgiria pela estimulação contínua que não deixaria marcas no psiquismo, permitindo novas percepções. Este sistema estaria caracterizado pela não transformação duradoura dos seus elementos, pois se esgotaria num devir constante.

O organismo vivente é aqui representado na sua máxima simplificação, como uma “vesícula indiferenciada de substância excitável” (FREUD, 1920, p. 2518) cuja superfície serviria de órgão receptor: Freud imagina que, assim como a embriologia mostra que o sistema nervoso central surge do ectodermo e o córtex é uma modificação da superfície primitiva, a consciência teria se produzido pelo incessante ataque dos estímulos que mudaram a substância até certa profundidade. O processo excitante ocorreria de modo diferente na superfície e nas capas mais profundas, formando, finalmente, uma membrana externa tão calcinada que apresentaria as condições mais favoráveis para receber os estímulos. Freud supõe que os elementos do sistema consciente, uma vez atingido o limite até o ponto de esgotar a sua capacidade de transformação, não poderiam mais experimentar mudança alguma, constituindo-se assim a consciência.

Nesse texto, a consciência é entendida como um dispositivo protetor contra as excitações, pelo fato de a superfície da vesícula vivente perder a estrutura própria do vivo, fazendo-se até certo ponto inorgânica, atuando como uma envoltura especial. As energias do mundo externo não poderiam se propagar senão minimamente até as outras capas vizinhas que conservaram a sua vitalidade; a capa exterior protege “com a sua própria morte” todas as outras de um destino análogo, pelo menos até que apareçam excitações tão fortes que destruam a proteção,

configurando o trauma.

Para o organismo vivo a defesa contra os estímulos é tão importante quanto a sua captação; os de origem interna (as pulsões) prevalecem sobre os externos, e são sentidos como prazer ou desprazer, e aquelas excitações excessivamente desprazerosas serão tratadas como se não proviessem do interior do corpo, dando origem ao que Freud chamou de projeção.

Após descrever a aquisição das capacidades psíquicas desta maneira e assimilando-a a formação da consciência, Freud dirá que "foi este o processo que serviu de modelo àquele outro que depois fez surgir a consciência em determinado estado da matéria animada". (FREUD, 1920a, p. 2526)

Desde esta ótica, o consciente precedeu o inconsciente, e os conteúdos deste último teriam sido antes, em algum nível, conscientes, até os que possuem um registro tão recôndito que não poderão ser acessados novamente. Estas especulações remetem, no meu entender, à sustentação kleiniana dos núcleos egóicos arcaicos.

Comenta França Neto que Lacan, ao trabalhar o "*Projeto*", proporia que se considerasse a consciência precursora do que viria a ser o id.

Para finalizar a resenha, acho interessante mencionar que Freud diz que o princípio kantiano que considera o tempo e o espaço as formas necessárias do pensamento, não rege o funcionamento inconsciente, pois ele se encontra "fora do tempo". Os processos psíquicos inconscientes não podem ser ordenados temporalmente, nem o tempo muda nada neles. "A nossa abstrata idéia do tempo baseia-se no funcionamento do sistema percepção/consciência, e corresponde a uma autopercepção do mesmo". (FREUD, 1920a, p. 2520)

“PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EGO”

Em 1920 aparece uma das obras sociológicas mais importantes dentro da

teoria sobre a psicologia das massas. Neste ensaio, Freud transcreve parágrafos significativos da obra de Gustavo Le Bon *Psicologia das multidões*, como guia para suas investigações a respeito da influência e as modificações que a massa exerce na vida psíquica do indivíduo.

Le Bon sustenta, entre outras coisas, que a vida consciente do espírito apresenta-se muito limitada se comparada à inconsciente, e que os nossos atos derivam-se de um substrato constituído por influências hereditárias, resíduos ancestrais da alma da raça. Ele pensa que no meio de uma multidão se apagam as aquisições particulares, desaparecendo a personalidade de cada um, e então o inconsciente social surgiria em primeiro plano, o heterogêneo fundindo-se no homogêneo, a superestrutura psíquica tão diversamente formada em cada indivíduo ficaria destruída.

O indivíduo nessa situação adquiriria um sentimento de potência invencível, permitindo-se ceder então aos impulsos, pois ao fazer parte de uma multidão anônima desapareceria nele o sentimento de responsabilidade. Freud concorda com estas colocações e diz que tudo isso é fácil de compreender porque, segundo as suas conclusões, ele já tinha podido observar que o nódulo do que denominamos consciência moral adviria da angústia social.

Le Bon identifica o fenômeno do "contágio" mental; todo sentimento ou ato dentro de uma multidão é contagioso até o ponto em que se chega ao sacrifício do interesse pessoal em prol de um ideal coletivo, sendo possível pensar numa moralização do indivíduo pela massa, de uma consciência social.

Paradoxalmente surgiria também um estado particular semelhante à fascinação na hipnose, no qual o discernimento ficaria abolido, e o homem já não teria consciência dos seus atos; perdidos todos os seus traços pessoais converter-se-ia num autômato sem vontade própria. Alerto para a gravidade desencadeada pela perda ou diminuição da consciência dos próprios atos, expressa nesta frase.

Além disso, para esse autor, numa multidão o homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado é, talvez, um indivíduo culto; com muitos outros, um

bárbaro, que chega a ter a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também as características e os heroísmos dos seres primitivos.

Nas massas, o poder mágico das palavras faz desaparecer as inibições, e idéias opostas podem coexistir sem entrar em conflito lógico, tal como acontece com a vida psíquica da criança. As massas não têm sede de verdade, pedem ilusões, dão preferência ao irreal sobre o real, há um predomínio da vida imaginativa e do pensamento mágico.

Segundo Mc Dougall, a organização de uma multidão corresponde às faculdades individuais perdidas em consequência da absorção do indivíduo pelo grupo, atribuída ao que se chama de "indução direta das emoções por meio da reação simpática primitiva" e que Freud nomeia como identificação.

O fenômeno da "identificação" detona a definitiva introjeção das figuras parentais, como foi explicado anteriormente, conformando o superego como um precipitado de identificações.

A certa altura desse escrito, Freud nos recorda que a identificação se dá regressivamente como alternativa à escolha de amor objetal interdita. Perante a impossibilidade de possuir o objeto, passa-se a ser o objeto. Copiam-se traços da pessoa amada, como identificação parcial e altamente limitada e, através dos diferentes tipos identificatórios, podemos entender também a origem de algumas formas de homossexualidade.

Assim como a análise da melancolia na qual "a sombra do objeto" parece ter caído sobre o ego, evidencia o confronto de dois "eus" pela decomposição egóica, o estudo do que conhecemos pelo nome de amor, também aporta novos dados sobre o mecanismo das identificações.

Na paixão amorosa e na hipnose encontramos muitas proximidades, diz Freud. Chama a atenção para a submissão, a docilidade e a ausência de crítica dos apaixonados. O objeto do amor é geralmente superestimado pela idealização, e o apaixonado comporta-se como um hipnotizado. Um único objeto atrai toda a sua

atenção como se tudo o mais desaparecesse diante dele; nesse estado fica suspensa quase por completo a função do ideal do ego que executa o teste da realidade. Não é de se estranhar que o ego considere real uma percepção, quando a instância crítica a confirma, já que na paixão o ego se faz cada vez mais modesto, menos exigente, e o objeto se torna cada vez mais magnífico e precioso, até apoderar-se de todo o amor que o eu sentia por si mesmo: "o objeto tem devorado o eu".

Simultaneamente a este abandono do ego -que não se diferencia da entrega sublimada a uma idéia abstrata-, desaparece a capacidade de crítica, ela emudece, e tudo o que o objeto faz ou quer é bom e irrepreensível. A consciência moral cessa de intervir em tudo o que pode favorecer o objeto, e na cegueira amorosa chega-se até o crime sem remorso algum, podendo-se dizer que, nestes casos, o objeto ocupa o lugar do ego.

Como já foi dito anteriormente, a prova da realidade é considerada, neste momento, atribuição do ideal do ego e da consciência moral; mais tarde, Freud mudaria a sua compreensão e diria que é feita pelo ego. De qualquer modo, quero enfatizar a conexão íntima e recíproca entre a consciência e a consciência moral.

“O EGO E O ID”

Chegamos, então, ao ano de 1923, quando o Freud escreve “O ego e o id”, texto fundamental para entender a relação entre as instâncias. Nele, estão reunidas e sintetizadas todas as considerações desenvolvidas desde o “Além do princípio do prazer”.

“O consciente e o inconsciente”, a primeira seção, reafirma a diferenciação entre o consciente e o inconsciente, premissa fundamental da psicanálise. Desde esta perspectiva, a consciência é tão-somente uma qualidade psíquica que pode ou não estar presente, e ser consciente é um termo eminentemente descritivo, indicando o estado de um elemento psíquico caracterizado pela transitoriedade.

Gostaria de evitar repetições para não tornar este trabalho mais denso ou cansativo, porém, não posso deixar de mencionar, mais uma vez, os tópicos que Freud aborda, ou seja, o que significa uma representação ser consciente, ou capaz de consciência, quando está latente ou inconsciente (do ponto de vista descritivo), e quando recalcada ou inconsciente no sentido mais propriamente psicanalítico do termo, visto que o "recalcado é, para nós, o protótipo do inconsciente". (FREUD, 1923, p. 2702)

Também caracteriza o pré-consciente, discrimina os tipos de inconsciente e aprofunda a investigação do ego, considerado a organização coerente dos processos psíquicos. A consciência do ego domina o acesso à mobilidade, reage às excitações, fiscaliza todos os processos parciais, e mesmo rebaixada durante o sono, exerce a censura onírica; a relevância destas funções viabilizadas pela consciência, sua relação com a percepção, e a capacidade de distinguir o prazer do desprazer, atributo de extrema importância biológica, são novamente enumeradas.

Lembremos que, desde o começo de suas especulações, Freud considera o princípio do prazer/desprazer, e a sua modificação ulterior no princípio de realidade, o regente do funcionamento mental, concluindo que "não é possível deixar de considerar o princípio do prazer como guardião da vida". (FREUD, 1924, p. 2753)

Assinala que alguns detratores da psicanálise alegam que a consciência apresenta diferentes graus de precisão e intensidade; poderiam estar sendo chamados de inconscientes, processos mais débeis ou imperceptíveis que, com uma atenção maior, seriam claramente conscientes. Ele contra-argumenta dizendo que a referência a uma escala de precisão da consciência nada prova, pois os conteúdos inconscientes (no sentido psicanalítico), só à custa de muito esforço tornam-se conscientes. Além disso, e tendo em vista tudo o que a psicanálise descobriu sobre a dinâmica psíquica do recalçamento, o mais provável seria que a consciência não os reconhecesse para voltar a rechaçá-los.

Mais adiante, Freud enuncia que a clínica permite aferir como ego e consciente não se equiparam totalmente, porque há no primeiro uma parte

inconsciente que se manifesta durante o tratamento na forma de resistência; portanto, não se pode reduzir a neurose a um conflito entre o consciente e o inconsciente, e propõe substituir essa antítese por outra, entre o eu coerente e o dissociado dele. Reconhecendo que nem tudo o inconsciente foi recalçado, considera que a inconsciência perde importância ao adquirir múltiplos sentidos, e que "a qualidade de consciente ou não consciente é a única luz que nos guia nas trevas da psicologia das profundezas". (FREUD, 1923, p. 2704)

No começo da segunda seção do livro, intitulada "O ego e id", ele localiza a consciência na superfície do aparelho, adstrita como função a um sistema que, do ponto de vista espacial e da dissecação anatômica, seria o primeiro a partir do mundo externo (esta localização será posta em dúvida, perante a questão de como se dá a percepção dos processos internos).

Se todas as nossas percepções são conscientes, raciocina Freud, o que ocorre com a conscientização dos processos mentais? Eles chegam até a consciência ou a consciência vai até eles? Por serem inconcebíveis ambas possibilidades, uma tópica do aparelho mostra-se cheia de dificuldades e falhas, levando-o a adotar como referência um funcionamento dinâmico para sair do impasse representado pela localização das funções psíquicas.

Acerca do modo pelo qual uma idéia se faz consciente, é preciso compreender primeiro como se torna pré-consciente, isto é, pelo enlace com representações verbais que, por sua vez, são resíduos da palavra ouvida, (assim como todo traço mnêmico, elas foram primeiramente percepções). Freud atribui ao sistema pré-consciente uma raiz sensorial especial ligada às percepções acústicas, e reitera que só pode se fazer consciente o que já foi alguma vez uma percepção consciente, e aquilo que não sendo um sentimento, desde o interior, esforça-se por se transformar numa percepção externa, para entrar na consciência.

A relação da percepção externa com o ego é evidente, embora este não seja totalmente consciente, porém, o vínculo com a percepção interna não é assim tão claro, persistindo a dúvida quanto a situar exclusivamente a consciência no sistema superficial.

Segundo Freud, a percepção das sensações ligadas á série prazer/desprazer se dá pela mesma via que as representações, mas se não puderem chegar à consciência podem permanecer inconscientes. Estas deduções justificam a existência de sentimentos não conscientes, como o sentimento de culpabilidade descrito mais adiante, apesar de parecer contraditório com a idéia de que, por princípio, todo sentimento é uma vivência consciente.

Uma vez elucidada a maneira como processos mentais se tornam conscientes pela junção com representações verbais, Freud vê nela outra demonstração do "princípio de que todo conhecimento procede da percepção externa. Dada uma sobrecarga do pensamento, são realmente percebidos os pensamentos -como vindos de fora -, e tidos assim como verdadeiros". (FREUD, 1923, p. 2707)

Acredito que estas elaborações conduzem Freud a reconsiderar o papel da consciência na construção do pensamento e do conhecimento.

Neste texto aparece, ilustrando a teoria, o primeiro desenho gráfico do aparelho psíquico, análogo à anatomia do cérebro, onde pode se ver o ego emergindo do id modificado pelo influxo do meio externo, transmitido pelo sistema percepção-consciência.

O ego é apontado como o representante da razão e da reflexão, tendendo a funcionar o mais de acordo possível com o princípio de realidade, em contraposição ao id, onde predomina o princípio do prazer, e as paixões. Esta oposição é relativa, na verdade, pois o ego não seria nada mais do que uma parte especialmente diferenciada do id, constituído pelos mesmos elementos. Vemo-lo emanar do seu nódulo, diz Freud, o sistema percepção-consciência, assinalando a importância funcional do controle da motilidade.

Freud diz que a ligação do ego com a consciência fora apontada repetidas vezes antes, mas que ainda subsiste a questão ética, ou social, que alia as funções tidas como baixas ao inconsciente, pressupondo, então, que as mais valorizadas

seriam conscientes. Ele prova que funções intelectuais complexas e outras atividades de alto valor podem ser realizadas pelo pré-consciente, e que a prática clínica demonstra que "há pessoas para quem a autocrítica e a consciência moral, funções psíquicas de alto valor, são inconscientes". (FREUD, 1923, p. 2709)

A frase mencionada acima sugere, a meu ver, que a autocrítica e a consciência moral costumam ser conscientes ou, no mínimo, que podem ser tanto conscientes como inconscientes.

Não entrarei nos pormenores de todo o processo identificatório que desemboca no conflito edípico, porque extrapolam os limites desta dissertação, recortarei somente as idéias pertinentes ao tema. Quero salientar, então, que

o superego conserva o caráter do pai, e quanto maior for a intensidade do complexo de Édipo e a rapidez do seu recalque (sob as influências da autoridade, a religião, o ensino e as leituras), mais severamente ele reinará depois sobre o ego, como consciência moral ou, quiçá, como sentimento inconsciente de culpabilidade. (FREUD, 1923, p. 2714)

Ao discorrer sobre a gênese do superego, como resíduo do recalque do complexo, Freud diz que é o resultado de dois fatores, um biológico e um histórico, atribuindo o impulso ao recalque, às tendências morais e estéticas do ego, provenientes da introjeção das aquisições filogenéticas, que constituem a herança arcaica da alma humana. O ideal do ego contém -substituindo as aspirações e sentimentos pelo pai-, o nódulo de que partiram todas as religiões (hipótese levantada em "Totem e tabu", e exposta em detalhe em "O futuro de uma ilusão", que trabalharemos depois junto com "O mal-estar na civilização").

Durante o desenvolvimento, o papel do pai na constituição psíquica vai se transferindo aos professores e outras pessoas que têm autoridade sobre o infantil sujeito, cujos mandatos e proibições internalizados, "conservam sua eficiência no ideal do ego, e exercem agora, na qualidade de consciência, a censura moral". (FREUD, 1923, p. 2715)

Os desdobramentos deste processo produzem também o chamado

sentimento inconsciente de culpa, provocado pelo recalçamento dos desejos incestuosos infantis, que podem ser reativados, durante o tratamento analítico, sob a forma de reação terapêutica negativa, sendo de se esperar que, aos poucos, possa se transformar num sentimento consciente de culpa, passível, então, de elaboração. "O sentimento normal consciente de culpabilidade (consciência moral) não opõe à interpretação dificuldade alguma. Repousa na tensão entre o ego e seu ideal e é a expressão de uma condenação pela sua instância crítica". (FREUD, 1923, p. 2723)

No texto "O problema econômico do masoquismo", o sentimento de culpa é equiparado à consciência de culpabilidade:

Não podemos prescindir de julgar e localizar o sentimento inconsciente de culpa conforme o modelo do consciente. Temos adstrito ao superego a função da consciência moral, e temos reconhecido na consciência de culpa uma manifestação de uma tensão entre o ego e o superego. (FREUD, 1924, p.2756)

Freud supõe que grande parte do sentimento de culpa tem de ser, normalmente, inconsciente, uma vez que a origem da consciência moral encontra-se estreitamente vinculada ao complexo de Édipo.

Em outro momento, superego e consciência moral são literalmente sinônimos: na última parte, "As servidões do ego", chega-se à conclusão de que o ego é a verdadeira sede da angústia, e que "podemos determinar o que se oculta por trás da angústia do ego perante o superego, ou seja, diante da consciência moral. (...) O medo à castração é provavelmente o nódulo em torno do qual cristaliza o medo à consciência moral". (FREUD, 1923, p. 2727)

No ensaio intitulado "Análise selvagem", ao discorrer sobre o superego, identifica este "como o sustentáculo daquele fenômeno que chamamos de consciência moral". (FREUD, 1926, p. 2936) A origem da consciência moral é desentranhada da triangulação edipiana, ficando clara a sua raiz inconsciente, porém, permanecendo ambíguo se atua desde a consciência, ou manifesta-se na consciência, agindo desde o inconsciente, através da "voz" dos chamados imperativos superegóicos.

Freud descreveu detalhadamente, em “Psicologia das massas e análise do ego”, o comportamento análogo do indivíduo apaixonado, hipnotizado ou imerso na massa, em decorrência do rebaixamento, embotamento, ou até desaparecimento da consciência moral, entendendo-se que, de praxe, a consciência moral pertence ao âmbito da consciência.

Em alguns casos patológicos a consciência moral fica super moral, e exerce um poder rigoroso e cruel sobre o ego (voz grossa), mas também pela falta desse fator pode chegar a ser fonte de graves conflitos e perigos, pois com o início das relações sociais torna-se necessário um certo grau de medo ao superego e à consciência moral.

“NOTAS SOBRE O BLOCO MÁGICO”

Em 1924 Freud retoma as idéias desenvolvidas anteriormente, para explicar o aparecimento da consciência e sua relação com a percepção. Utilizando um objeto chamado "bloco mágico", faz uma analogia entre este e o funcionamento do sistema perceptivo. O bloco possui uma folha ou superfície receptora sempre pronta para acolher novas anotações que se tornam visíveis em uma outra superfície, onde ficam inscritas de maneira permanente. De forma semelhante, ocorre uma captação dos estímulos pelo nosso aparelho psíquico, por um lado, e a memória que os conserva por meio dos traços mnêmicos, por outro. Ou seja, são dois sistemas que funcionam entrelaçados: a capa do sistema da percepção recebe o estímulo, deixa-o passar para permitir o fluxo contínuo, e o registro mnêmico surge num outro sistema (inconsciente). Enquanto o sistema se mantém investido, recebe as percepções acompanhadas de consciência, porém, uma vez desinvestido, apaga-se a consciência, e cessa a função do sistema.”. O fenômeno inexplicável da consciência nasce no sistema perceptivo no lugar dos traços duradouros”. (FREUD, 1924b, p. 2809) Este funcionamento descontínuo do sistema da percepção constitui a base da idéia do tempo.

É necessário lembrar esta descrição do aparelho psíquico da percepção, porque é fundamental para compreender sua correspondência com o mundo

externo, que o gerou.

“INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA”

Esse trabalho é mencionado aqui rapidamente, para destacar a relação do ego com a angústia, e desta com o sistema da consciência. A angústia perante um perigo pulsional, percebido pela consciência, aciona o recalque como defesa, sendo condição indispensável do recalque que a força do desprazer supere a do prazer que a satisfação do desejo produziria uma vez ultrapassada a capacidade do "dispositivo protetor" contra os estímulos. A debilidade e ansiedade do ego frente às outras instâncias, diz Freud, foi enfatizada por alguns autores, esquecendo que a maneira como atua o recalque demonstra a impotência e o poder do ego, simultaneamente. Acredito que as postulações freudianas sobre a angústia são um prelúdio da relação que ele faz, nos textos seguintes, sobre o desamparo do homem frente às exigências das pulsões e as demandas da realidade externa com a religião, a ciência e a civilização.

“A NEGAÇÃO”

Nesse artigo, Freud alude sobre a possibilidade do recalque reaparecer na consciência, com a condição de ser negado por meio de um julgamento intelectual. Negar algo equivale a dizer: "Isto é algo que gostaria de recalcar". A função do julgamento emitido pelo ego interessa na medida em que é a partir dele e sua correlação com a realidade (lembremos que o teste da realidade é feito pelo ego por meio do sistema da percepção), que o pensamento conduzirá a ação. Freud dirá que a técnica que o ego utiliza nos processos de pensamento baseia –se no funcionamento primitivo do extremo do aparelho psíquico, nas percepções sensoriais. Segundo a hipótese freudiana, a percepção não é um processo puramente passivo.

Menciono este fato em consonância com a idéia de que neste rastreamento cronológico dos escritos freudianos, cada vez mais se perfila uma focalização maior

dos processos do pensamento, do exterior e o interior, do subjetivo e do real externo, e do exame da realidade levado a cabo pelo ego.

“A RESPONSABILIDADE MORAL PELO CONTEÚDO DOS SONHOS”

Nesse texto, Freud demonstra que é preciso assumir nossa responsabilidade moral, posto que os sonhos são produtos do nosso psiquismo. Volta a dizer que o ego e o id formam uma unidade biológica, o ego não é mais do que a parte periférica do id, obediente aos seus impulsos. "Para qualquer finalidade vital, seria em vão tentar separar o ego do id". (FREUD, 1925b, p. 2895)

Aborda novamente a consciência moral como formação reativa, e reafirma que a deformação onírica, os sonhos de angústia e os punitivos são uma prova da essência moral do homem, assim como da “sua essência má”.

“O FUTURO DE UMA ILUSÃO”

Esse ensaio expande as formulações freudianas a respeito da origem das restrições morais e sua relação com as crenças religiosas. Considero necessária a sua abordagem, a fim de começar a apontar a linha de raciocínio que vincula a consciência, o pensamento, e a consciência moral com o conhecimento.

Freud sustenta que a alma humana tem realizado progressos evolutivos desde os tempos primitivos, e destaca, entre eles, a transformação paulatina da coerção externa em interna, pela ação de uma instância psíquica especial no homem, sendo possível observar o processo que ocorre em toda criança e que faz dela um ser social e moral.

Segundo o seu ponto de vista, a civilização é fruto dessa repressão das pulsões aliada à imposição do trabalho. O indivíduo renunciaria à satisfação de boa parte dos seus impulsos, em prol dos benefícios da vida comunitária; fazer parte de uma cultura significa submeter-se a determinadas regras e estatutos morais,

produções pertencentes ao patrimônio cultural de uma determinada civilização. Dentro das criações humanas, as representações religiosas ocupam lugar de destaque, pois através delas atenua-se a angústia perante os fenômenos da natureza e a morte, ou seja, minoram o sentimento de desamparo que sempre tem acompanhado o homem.

Para Freud, preceitos religiosos e morais procuram dar conta do sofrimento da vida, e apesar de alguns homens (novamente alude a Kant e sua concepção da consciência moral) lhe atribuírem uma origem divina, na realidade, nada mais são do que simples ilusões, ou seja, a projeção dos desejos, elevados à categoria de dogmas.

Como já tinha antecipado, em “Totem e tabu”, o autor expõe a sua teoria sobre a gênese da idéia de Deus, engastada no nódulo paterno do superego.

O tema desta dissertação demanda um recorte específico dentro das interessantes postulações desse escrito, ou seja, sublinho algumas idéias que, a meu ver, realçam a função do intelecto e a importância da razão face ao conhecimento, e o vínculo com o sistema da consciência.

Ele afirma o caráter dogmático e absurdo de algumas crenças religiosas, e sustenta que “não há instância alguma superior à razão”. (FREUD, 1927, p. 2975) Contudo, ele reconhece a força inigualável das idéias religiosas, proveniente da força dos anseios de proteção perante o desamparo, que foram criadas pelo deslocamento das atribuições poderosas da figura do pai, para a imagem todopoderosa de Deus.

Mas, diz Freud, uma ilusão não é necessariamente um erro, distinguindo-se também de uma idéia delirante, já que esta apresenta uma estrutura mais complexa e contradiz abertamente a realidade. Uma ilusão não é obrigatoriamente falsa ou irrealizável, ela é uma crença engendrada na satisfação de um desejo, prescindindo da relação com a realidade, assim como de toda garantia real. Contudo, as idéias religiosas guardam uma certa semelhança com o delírio por serem tão indemonstráveis, inverossímeis, e irrefutáveis quanto ele; além disso, considera que

por debaixo do sistema religioso “se formulam respostas aos enigmas diante dos quais se choca o humano desejo de saber...” (FREUD, 1927, p. 2977)

Aos propósitos deste trabalho, destaco a afirmação freudiana de que somente a observação e o pensamento aplicados à investigação científica levam ao conhecimento da realidade exterior, e de que o espírito científico aproxima o homem dos “tesouros do conhecimento”.

No mesmo ensaio, Freud relaciona a religião à neurose obsessiva, e faz uma analogia entre a ignorância e a fragilidade do psiquismo infantil frente à figura do pai, à ascendência deste sobre a criança, e ao poder que os preceitos religiosos exercem sobre os homens, diante do sentimento de impotência que têm perante a vida, defendendo uma educação livre das ilusões religiosas que representa um entrave ao desenvolvimento da inteligência humana. E diz claramente: “o homem não pode permanecer eternamente criança; tem de sair um dia à vida, à dura “vida inimiga”. (FREUD, 1927, p. 2988)

Embora reconheça a debilidade do intelecto frente aos desejos do homem, ele acha que, “a voz do intelecto é apagada, mas não descansa até se fazer ouvir e sempre termina por conseguir. É este um dos poucos pontos nos quais podemos ser otimistas com relação ao futuro da humanidade...” (FREUD, 1927, p. 1990)

Prega a primazia da inteligência e da razão como os instrumentos que, a serviço da ciência, permitiriam penetrar um pouco, ao menos, na realidade do mundo, ampliando as possibilidades de conhecê-lo, dando sentido e equilíbrio à vida.

Destaco todas estas idéias para mostrar que Freud sustenta que o conhecimento está intrinsecamente vinculado às condições de nossa própria organização psíquica, que não por ser imperfeita ou subjetiva, deixa de estar apta para isso:

Nosso aparelho psíquico desenvolveu-se precisamente no esforço por descobrir o mundo externo, devendo sua estrutura ter adquirido assim uma educação para tal fim. Esquece-se que nosso aparelho é

por si mesmo um elemento do mundo que de investigar se trata (...)
O problema de uma composição do mundo sem atenção a nosso aparelho psíquico perceptivo é uma abstração vazia. (Freud, 1927, p. 2992)

“O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO”

Anos depois de ter escrito o “Futuro de uma Ilusão”, e quiçá já um pouco desiludido quanto às esperanças na inteligência humana, Freud escreve essa obra que, junto com a anterior, faz parte dos escritos considerados sociológicos por alguns estudiosos da teoria. Nela, enfoca a natureza agressiva do homem, a sua importância decisiva nos acontecimentos humanos, assim como os esforços despendidos para tornar factível a convivência, e menciona as diferentes maneiras com que os seres humanos enfrentam a dor e o insuportável da vida.

No que concerne ao presente trabalho, pinçarei algumas colocações que dão continuidade às anteriores. Depois de discorrer sobre o conflito irreduzível entre as tendências do indivíduo e as exigências sociais, e as formas a que este apela para tolerar o alto grau de frustração acarretado pelas limitações da civilização, Freud conclui (desolado talvez?) que a maior aspiração do homem é ser feliz, apesar da impossibilidade ser intrínseca à vida.

As demandas imperativas da sexualidade humana contrariam as expectativas da cultura, que sobrepõe a sua sobrevivência aos interesses de cada um; segundo as especulações freudianas, as produções da civilização são a custa da energia subtraída da consecução dos desejos pulsionais (“O inconsciente só sabe desejar”).

A valorização extremada e o culto das atividades psíquicas superiores, sejam elas científicas, artísticas, religiosas e suas manifestações, caracterizam o desenvolvimento de uma determinada cultura, tanto como a forma como se regulam as relações sociais, considerando que as reivindicações da liberdade individual se contrapõem às coletivas, possivelmente para sempre inconciliáveis.

Freud sustenta a hipótese de que toda cultura repousa sobre a renúncia às satisfações da pulsão, em especial, na hostilidade que essa renúncia produz. Analisando o que ocorre no indivíduo acuado pela interdição dos seus impulsos sexuais e pela agressividade decorrente, o autor acentua, cada vez mais, a importância atribuída ao sentimento de culpa e à ambivalência dos afetos, na conformação do psiquismo (como já foi citado no começo desta segunda parte da dissertação, as tendências hostis são uma manifestação da pulsão de morte e do narcisismo). A tendência à agressão constitui “o sedimento de todos os vínculos carinhos e amorosos entre os homens, quiçá com a única exceção do amor que a mãe sente pelo seu filho homem”. (FREUD, 1929/30, p. 3047)

Abdicar da satisfação dos impulsos agressivos não é fácil, diz Freud, as exigências narcísicas das necessidades atávicas “de alimento e de amor” que movem o mundo, não podem ser genuinamente satisfeitas, o que desencadeia o círculo vicioso da agressão, da retaliação, da culpa, que se retro-alimentam continuamente. Neste processo está ancorada a concepção freudiana do sadismo e do masoquismo, entendido como a pulsão de destruição voltada para dentro, ou seja, o sadismo usado contra o próprio ego.

Sei que estas questões mereceriam maior aprofundamento, porém, temo fugir demasiado do assunto, por isso centrarei as minhas elaborações no entrelaçamento da agressividade com o sentimento de culpa inconsciente e com a consciência moral, estabelecendo o elo possível com a consciência.

Como já foi postulado em outros escritos freudianos tais como “Bate-se numa criança” e “Dostoyevski e o parricídio”, os desejos conflitantes do complexo de Édipo geram, na psique infantil, o sentimento de culpa e uma necessidade de castigo recorrente, pois renunciar à sua satisfação real não os extingue na fantasia, e no inconsciente, portanto, não podem ser escondidos do “olho” do superego que tudo vê.

As inter-relações inerentes a estes acontecimentos psíquicos são muito complexas e, às vezes, resulta difícil determinar a seqüência, saber o que é causa e o que é efeito; mesmo assim, é possível que a renúncia aos impulsos pelo temor à

perda do amor, provocada em primeiro lugar a partir de uma ameaça externa, após a instauração do superego, fique transformada em uma ameaça interna, dando origem à angústia da consciência moral.

Uma outra possibilidade é que seja a angústia da consciência, considerada angústia social, a que desencadeie a renúncia aos desejos, embora cada renúncia alimente paradoxalmente a severidade da consciência.

Freud nos faz lembrar que ceder ao desejo desperta hostilidade e impulsos agressivos do eu com relação aos objetos de amor (remeto ao leitor à introdução deste capítulo, quando Masotta percebe no episódio do “Homem dos ratos” criança, o nascimento “ao vivo” do superego).

O sentimento de culpa é, para Freud, o problema mais importante da evolução cultural, fonte de infelicidade constante que se exprime com suficiente nitidez na consciência, a tal ponto que costuma se dizer, no lugar de sentimento de culpa (*Schuldgefühl*) consciência de culpabilidade (*Schuldbewusstsein*). Na neurose obsessiva, este sentimento se impõe à consciência com excessiva intensidade, mas, esclarece Freud, na maioria dos casos permanece inconsciente e se expressa como necessidade de punição. Muito embora todas estas idéias não estejam ainda totalmente definidas, pode-se conjecturar que até mesmo em certos casos de neurose obsessiva o sentimento permaneça inconsciente, aparecendo na consciência como um “torturante mal-estar”, uma espécie de angústia, e acrescenta que o sentimento de culpa não é mais do que uma variante topográfica da angústia.

Com relação ao enlace entre angústia e consciência, pode-se dizer, tal como foi colocado no texto de “Inibição, sintoma e angústia” que, quando a consciência capta o perigo proveniente de uma moção pulsional, apenas um sinal de desprazer basta para desencadear a angústia, produzindo o recalçamento, a inibição, ou outro artifício defensivo.

O sentimento de culpa pode também ocupar todo o campo da consciência (pensemos no sofrimento melancólico), permanecer como angústia inconsciente e se manifestar como uma sensação consciente, assim como se exteriorizar no

psíquico consciente como um mal-estar, um desapontamento que se atribui a outras causas.

Para terminar a abordagem deste texto, especifico sumariamente os termos: a instância psíquica inferida pela psicanálise é chamada de superego; a consciência moral é uma função, destina-se a vigiar, julgar e censurar intenções e atos do ego; o sentimento de culpa equivale ao rigor da consciência, e a percepção que o ego tem da vigilância de suas próprias tendências e da tensão frente às exigências do superego, a angústia subjacente a estas relações e a necessidade de castigo são manifestações do masoquismo do eu.

Não se pode falar em consciência moral antes da existência do superego, enfatiza Freud, o sentimento ou a consciência de culpabilidade precede a instalação da instância, e como consequência é anterior à consciência moral.

E chegamos ao final deste percurso pelos textos freudianos com as palavras com que seu autor inicia a Conferência XXXI – “A dissecação da personalidade psíquica”:

“Senhoras e senhores:

Todos sabemos da importância que para nossas relações particulares, tanto com as pessoas como com as coisas, representa o ponto de partida...”

Assim acontece também com esta dissertação, deflagrada por uma singela frase desta mesma conferência, na qual Freud anuncia que centrará a sua exposição na psicologia do eu, “nosso próprio eu”, e que também começou a partir daí (ver a introdução).

Tentarei responder, então, à pergunta que me levou a escrever este trabalho, porquê Freud teria sentido a necessidade de revisar a sua atitude diante o problema do consciente e do inconsciente, e de dizer: “No princípio, nos inclinamos a rebaixar o valor do critério da consciência, já que tão pouco seguro tem-se mostrado. Mas

faríamos mal. Passa-se com ele o que com a nossa vida: não vale muito, mas é tudo que temos". (FREUD, 1932/33, p. 3140)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud começa as elaborações psicanalíticas procurando apontar o erro da psicologia e da filosofia, ciências que embasam os seus postulados a partir dos dados exclusivos da consciência (*Bewusstsein*), tida como o psíquico por excelência.

Apesar de fenômenos não conscientes serem reconhecidos como fazendo parte do psiquismo ou, pelo menos, do orgânico psíquico, a consciência ocupava o lugar preponderante como objeto e meio de investigação.

Após as descobertas freudianas, a unidade da consciência ficou para sempre desestabilizada, e um novo paradigma estabeleceu as suas bases no estudo da realidade da psique, que se revelou, pelo contrário, dividida. Com o intuito de inserir a “nova ciência” no meio científico da época, Freud viu-se obrigado, a meu ver, a desqualificar a importância da consciência, e enfatizar o quanto ela está sujeita a determinantes inconscientes.

Ao longo de todo o trabalho de criação da teoria, ele se dedicou a destrinchar o acontecer psíquico inconsciente que, como o seu nome indica, aponta pelo negativo ao atributo da consciência. Por diversas vezes ao abordar a questão, descreveu-a como um fenômeno inexplicável, até em um dos seus últimos textos, (Freud contava na época com oitenta e dois anos) publicado com o título de “Compêndio de psicanálise”, no capítulo IV intitulado “As qualidades psíquicas”, refere-se à consciência como um fenômeno singular “refratário a toda explicação e descrição”. (Freud, 1938, p. 3387) No entanto, qualquer um saberia, por experiência própria, o que isso significa, por se oferecer à intuição imediata.

Como já mencionei no corpo central deste trabalho, Freud tencionava aprofundar no assunto, e repetidas vezes disse que merecia uma investigação mais detalhada.

A modo de encerramento, serão sumariamente expostos os aspectos gerais da consciência (psicológica), dentro da obra de Freud, que minha leitura permitiu deduzir. Considera-se a consciência um órgão para a recepção dos estímulos sensoriais; aquilo que, no ato de qualificar o estímulo, ao escoar a quantidade de energia psíquica constitui-se como qualidade (aliás, até as últimas elaborações teóricas ele manteve a idéia de que a consciência é “só uma qualidade do psíquico”); um longínquo efeito do inconsciente; integrante do sistema percepção-consciência, muitas vezes aderida originalmente à própria percepção; o atributo responsável por discriminar o prazer do desprazer, vital para a sobrevivência do organismo, merecendo esta característica ser destacada pelo seu papel ímpar no funcionamento do psiquismo e na manutenção da vida; função adstrita ao ego, uma vez criada a segunda tópica do aparelho, mantendo contato com a realidade externa, e as necessidades e sensações proprioceptivas, pois pode tanto se dirigir para fora, pelo lado mais superficial, como se voltar para dentro pela camada interna.

A respeito da localização da consciência, pode-se dizer que sempre foi situada na periferia do aparelho, mas com a particularidade de ativar um mecanismo especial capaz de discernir percepções visuais e acústicas provenientes do exterior, de seqüências de representações mentais, ou seja, internas. Esta distinção é de fundamental importância biológica, pois através do teste da realidade que a consciência faz, é possível diferenciar percepções reais de alucinações, e sobretudo a consciência é o atributo que leva à cabo a segunda regulação que origina o processo do pensamento, prerrogativa do homem e a mais importante aquisição humana; como a luz que ilumina as trevas do mundo abissal. Como “tudo o que temos”.

A meu ver, a noção da consciência e a sua importância na dinâmica psíquica não sofreram alterações significativas ao longo de toda a obra. No “Projeto”, Freud, quando ainda não tinha diferenciado consciência de ego, colocava a origem do ego como o mais obscuro de todos os problemas, assim como nunca deixou de ver a consciência como inescrutável.

Entre outras coisas, gostaria de frisar que Laplanche, como disse antes, ponderou que a teoria psicanalítica, definida como ciência do inconsciente, nem por isso deixou de reconhecer como essencial o fenômeno da consciência, lembrando que a designação das instâncias foi feita levando em conta, primordialmente, a sua relação com ela. De toda forma, se Laplanche achou por bem fazer o esclarecimento, quase uma ressalva, deve ter sido por considerar pertinente e necessário fazê-lo.

Acredito que, face ao inconsciente, o objeto “consciência” ficou um tanto irrelevante, relegado necessariamente ao segundo plano dentro da própria teoria, e até no ensino da psicanálise é um assunto que passa bastante despercebido. Embora o objetivo da psicanálise seja o pólo oposto ao psíquico consciente, a dinâmica do aparelho impõe o moto contínuo da inter-relação das diferentes partes entre si, pois o conflito entre as forças mantém o psiquismo em movimento.

Depois de trilhar os textos numa ordem cronológica, cheguei a uma resposta possível à indagação que norteia esta pesquisa. O que Freud identifica como valioso é o caráter epistemológico da consciência, o seu papel insubstituível no conhecimento do mundo e do homem, valor que, inicialmente, tinha achado exagerado pelas outras ciências.

Diz em algumas oportunidades que todo conhecimento é consciente, e procede da percepção externa, mesmo os nossos pensamentos são captados como vindos de fora, e que o entendimento e a investigação do mundo é possível porque o nosso psiquismo, em especial o nosso sistema da percepção, está perfeitamente equipado para isso. Recordemos que no final do escrito “O futuro de uma ilusão” alega-se que é fatível conhecer porque o nosso aparelho perceptivo guarda uma certa correspondência com o mundo do qual se originou, e pela capacidade racional do humano. O conhecimento científico aspira alcançar a coincidência com a realidade, diz Freud, o que existe fora e independente de nós, “... a esta coincidência é o que chamamos verdade”. (FREUD, 1933, p. 3198)

Estas idéias são análogas à articulação kantiana que observa “concordância” entre a natureza, a razão e a consciência (psicológica e moral), se bem que, para

Kant, esse acordo entre natureza e mente devia-se ao fato do homem ter sido feito conforme a inteligência de Deus, e a gênese divina de todo o existente.

Nas palavras de Gerard Lebrun no livro *Sobre Kant*:

Concordância (*Zusammenstimmmung*) é uma das palavras essenciais da *Crítica do juízo*. Enquanto a primeira *Crítica* tornara inteligível o acordo entre a forma da natureza e nosso entendimento, a faculdade de julgar nos coloca na presença de concordâncias contingentes e, não obstante, maravilhosas demais para serem atribuídas ao acaso. Que haja uma total compreensibilidade (*Fasslichkeit*) da natureza material, que uma infinidade de leis empíricas sejam unificáveis sob leis universais da natureza, eis um indício de que as coisas da natureza se ajustam a nossa faculdade de conhecer; eis também uma razão para que o juízo presuma uma finalidade formal da parte da natureza, quer dizer, uma conivência, que se poderia acreditar premeditada, entre a ordem das coisas e o nosso conhecimento. (LEBRUN, 1993, p. 103)

Uma das postulações que Freud manteve desde o início diz respeito à fugacidade da consciência, não deixando de vê-la tão somente como uma qualidade, ou atributo inconstante do psíquico. Porém, apesar das falhas dos elementos por ela proporcionados, do determinismo inconsciente, das distorções que o desejo e a memória produzem, ela seria indispensável para a apreensão e inteligibilidade do mundo (apreensão subjetiva, por certo, porém a única humanamente possível).

Para ele, a investigação psicanalítica chegou a determinar características inconscientes insuspeitadas, e a descobrir algumas das leis que governam o psiquismo. “Mas nada disto implica que a qualidade de ser consciente tenha perdido sua importância para nós. Continua sendo a luz que ilumina nosso caminho e nos leva através da obscuridade da vida mental... nosso trabalho científico em psicologia consistirá em traduzir os processos inconscientes em processos conscientes...” (FREUD, 1938, p. 3423) As lacunas do devir consciente podem ser preenchidas pela interpolação dos elementos desconhecidos, ampliando o entendimento e a compreensão da realidade externa e psíquica, ou seja, “tornando consciente o inconsciente”.

Considero importante lembrar que, como Freud sublinhou, a divisão topográfica do psiquismo foi feita atendendo a uma necessidade didática que, a bem da verdade, ela aponta para a existência de “signos da diferença” entre as províncias psíquicas, pois o que foi separado pela investigação teórica deve ser reunido novamente, posto que a diferenciação em subestruturas não apresenta contornos rígidos e lineares.

Pergunto-me se, quando Freud, no começo da sua obra, em “Psicoterapia da histeria”, descreve o aparelho psíquico composto de diferentes estratos, não estaria captando indiretamente uma característica da consciência ou, em outras palavras, de que ela “não é um monólito”, como contempla Antonio Damásio no livro *O mistério da consciência*. É provável que ela comporte mais de uma dimensão, planos coexistentes determinados por fatores ao mesmo tempo ligados e autônomos, um verdadeiro sistema, durante a vigília arma-se uma determinada composição, e durante o sono e o sonho se estabelece uma outra a serviço do processo primário.

Com relação à consciência moral (*Gewissen*) e seu enlace com a consciência (*Bewusstsein*), reconheço que esta questão apresentou-se muito mais complexa do que eu tinha previsto. No começo deste trabalho, cheguei a considerá-la uma variante, uma modalidade especial de consciência, devido ao fato de que a mesma palavra, em português designa tanto a atribuição psíquica que permite saber, conhecer, como a capacidade de distinguir o bem do mal. Com o passar do tempo o equívoco foi desfeito, porém na minha compreensão não deixei de incluí-la no campo da consciência.

Para finalizar esta dissertação, passarei a explicar o que pode depreender da teoria, nesse sentido.

Como foi apontado já ao trabalhar “Totem e tabu”, a consciência do tabu é, para Freud, provavelmente, a forma mais antiga da consciência (moral) e nesse livro o autor se interroga pela primeira vez sobre a consciência (*Gewissen*). “Pelo testemunho da língua, cabe esse conceito, quando se sabe com certeza; e em muitas línguas sua descrição se separa pouco da de consciência (*Bewusstsein*)”, como consta no livro *Culpa*, no artigo da Ana Maria Portugal Saliba. Numa nota

encontramos que os dois termos, *Gewissen* e *Bewusstsein*, são derivados do verbo *Wissen*, que significa saber, mas que *Gewissen* traz conotação de certeza (*Gewiss*), enquanto que *Bewusstsein* aponta para um saber como percepção, conhecimento claro, além de definir um estado, pela presença do verbo *Sein*, que quer dizer ser ou estar, estar ciente de, mais próximo ao ato. A autora explica também que na filosofia se usa *Bewusstsein* para conceituar a consciência psicológica, e reserva *Gewissen*, mais abstrato, para “consciência moral”.

Transcrevi estas contribuições, pois serviram de base para elaborar as reflexões derivadas do trilhamento paralelo das duas “consciências”.

Embora a consciência moral, em Freud, possua raízes no inconsciente, pois a sua gênese está relacionada com a elaboração do complexo paterno, ao recalque dos afetos amorosos e hostis incestuosos que produziram em primeiro lugar, o sentimento de culpa ou consciência de culpa inconsciente (apesar de ficar a ambigüidade de se é o sentimento ou a culpa que se “inconscientizam”, posto que, algumas vezes, Freud fala na impossibilidade de recalcar o afeto, que por isso é deslocado; em outras, parece que o verdadeiro fim do recalque visa à supressão do afeto), ela pertence ao âmbito consciente do psiquismo.

A existência de uma consciência inconsciente, uma consciência da qual nada se sabe, ficaria descaracterizada como tal, e a concepção aberrante de uma “inconsciência moral” está fora de cogitação, como sustenta Flavio C. Ferraz no livro *A eternidade da maçã*, onde trata de Freud e a ética.

Por mais que a consciência moral faça parte do superego, subestrutura que opera principalmente de forma inconsciente, os indícios aqui expostos permitem deduzir que se trata da expressão consciente do superego.

“O superego não se confunde com a consciência moral; esta é apenas uma exteriorização articulada daquele”. (AMBERTIN, 1993, p. 240)

Também entendo que poderia haver uma dimensão consciente da consciência moral, e uma inconsciente. Para resolver o impasse que esta questão

apresenta, o autor do livro *A eternidade da maçã* opta por utilizar a expressão “*função moral*” para designar uma função que não se situa inteiramente no interior de uma só província do aparelho psíquico”. (FERRAZ, 1994, p. 69)

Em relação ao vínculo com a consciência (*Bewusstsein*), entendo que ela é a pré-condição existencial da consciência moral, posto que a capacidade de juízo de uma depende da percepção da outra e, reciprocamente, a própria percepção, uma vez estruturado o psiquismo, estará influenciada pela dimensão moral. A faculdade de deliberação, uma vez estabelecida, é exercida por um aparelho que apresenta a imbricação simultânea e dialética de todos os segmentos que o compõem. Se “a alma não é algo simples, senão uma hierarquia de instâncias”, então essa complexidade se manifesta o tempo todo no incessante fluir da consciência, permeando toda produção psíquica. Até a percepção mais inconsciente precisa de um grau mínimo de consciência para ser conhecida e reconhecida. Em outras palavras, sem o atributo consciência, não há pensamento, não há discernimento nem entendimento, não seria possível diferenciar o bem do mal, o que é próprio da moral.

A possibilidade de adjetivar e de conceber moralmente está ligada ao conhecimento e aos dados que a consciência proporciona, como índices de existência e de realidade. Lembro ao leitor que Freud disse, na *Psicologia das massas*, quando ainda atribuía o teste de realidade ao ideal do ego, que não devíamos nos surpreender se o eu considerasse como real uma percepção quando a instância crítica a confirma-se como tal. Entendo que, com esta observação, Freud apontava ao elo entre consciência e consciência moral, ou seja, o juízo moral é simultâneo à realidade da percepção. Não é a instância crítica que percebe a realidade, mas a realidade que é percebida pela consciência, mediada pela instância crítica. Uma vez constituído o psiquismo nos moldes adultos, composto pelas três instâncias, poder-se-ia pensar na diferenciação entre uma consciência antes do Édipo, e outra depois do Édipo? Uma consciência amoral e uma consciência “moralizada”, correlativamente?

A meu ver, a consciência moral superegógica de Freud e o imperativo categórico de Kant aludem ao mesmo fenômeno psíquico, desde arcações

referenciais diferentes. A consciência em Kant é moral por essência e por princípio, por convergir com o “dever ser” ditado pela razão humana. Assim como os imperativos do superego, o dever kantiano impõe-se na consciência “como uma espécie de absoluto, como coisa imutável frente a toda mudança de circunstâncias e de interesses”. (BREHIER, 1956, p. 203)

Na mesma linha de pensamento de Rousseau, que entendia a consciência moral como um “instinto divino”, Kant postulava que o dever da consciência ordena universalmente pela racionalidade. A lei moral ou lei da razão aponta, em último grau, à vida moral pelo bem social, tal como Rousseau susteve no *Contrato social*. O respeito à lei e a humanidade visa o bem de todos, de modo que o imperativo categórico poderia ser assim enunciado: “Obra de tal modo que uses a humanidade, na tua pessoa como na de outra, sempre como um fim, jamais como um meio”. (BREHIER, 1956, p. 204)

Por sua vez, Freud também apostou, durante algum tempo, no poder da inteligência e na essência da razão, o “nosso deus Logos” como meio de união e harmonia entre os homens, no “reinado” da razão como a única possibilidade dos homens sobreviverem à própria destrutividade. (Acredito, como expressão desiderativa de uma “esperança desesperançada”, ou “desesperança esperançosa”, da que falava Nietzsche).

Para finalizar, escolho conscientemente estas palavras: “... haveria que proceder com grande prudência, sem esquecer que, (...) tanto para os homens como para os conceitos, é perigoso que sejam arrancados do solo em que se originaram e desenvolveram”. (FREUD, 1929, p. 3067)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMÁN, J. *Jacques Lacan y el debate posmoderno*. Buenos Aires: Ediciones Del Seminario, 2000.
- AMBERTIN, M. G. *Las voces del superyó*. Buenos Aires: Editora Manantial, 1993.
- BOCK, A., GONÇALVES, M.G. & FURTADO, O. *Psicologia Sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- BREHIER, E. *História de la filosofía*. Buenos Aires: Editora Bruguera, 1973.
- CUADERNOS DE PSICOANÁLISIS *La clínica psicanalítica*. Buenos Aires: Editora Altazor, 1980.
- DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Editora Companhia das Letras São Paulo, 2000.
- ESPINOSA, B. *Espinosa - in Os pensadores*. São Paulo: Editor Victor Civita, 1983.
- FERRAZ, F. C. *A eternidade da maçã*. São Paulo: Editora Escuta 1994.
- FESTUGIERE, A. S. *Epicuro y sus dioses*. Buenos Aires: Editora EUDEBA, 1960.
- FRANÇA NETO, O *Freud e a consciência*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 1981.
- (1895a) - *Estudios sobre la histeria*
 - (1895b) - *Proyecto de una psicología para neurólogos*
 - (1900) - *La interpretación de los sueños*
 - (1907) - *Los actos obsesivos y las prácticas religiosas*
 - (1909a) - *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*
 - (1909b) - *Psicoanálisis*
 - (1910) - *Los dos principios del funcionamiento mental*
 - (1912) - *Algunas observaciones sobre el concepto de lo inconsciente en el psicoanálisis*
 - (1913a) - *La disposición a la neurose obsesiva*
 - (1913b) - *Múltiple interés del psicoanálisis*
 - (1913c) - *Totem y tabú*
 - (1914) - *Introducción al narcisismo*
 - (1915a) - *La represión*
 - (1915b) - *Lo inconsciente*

- (1915c) - *Los instintos y sus destinos*
 (1915d) - *Lecciones introductorias al psicoanálisis*
 (1916) - *Algunos tipos caracterológicos descubiertos por el psicoanálisis*
 (1917a) - *Luto y melancolia*
 (1917b) - *Una dificultad del psicoanálisis*
 (1919a) - *Pegan a un niño*
 (1919b) - *Lo siniestro*
 (1920a) - *Más allá del principio del placer*
 (1920b) - *Psicología de las masas y análisis del yo*
 (1923) - *El yo y el ello*
 (1924a) - *El problema económico del masoquismo*
 (1924b) - *El block maravilloso*
 (1925a) - *Inhibición, sintoma y angustia*
 (1925b) - *La responsabilidad moral por el contenido de los sueños*
 (1927) - *El porvenir de una ilusión*
 (1929) - *El malestar en la cultura*
 (1933) - *Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis*

GONZÁLEZ REY, F. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC 1997.

KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1983.

LAPLANCHE, J. *A angústia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1985.

LEBRUN, G. *Sobre Kant*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1993

LEVY, N. *Princípio da liberdade* in *O desejo* - Novaes, A. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MASOTTA, O. *Dualidade Psíquica o modelo pulsional*. São Paulo: Editora Papirus 1986.

NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. São Paulo: Editora Moraes 1991.

_____ *Asi habló Zarathustra*. Barcelona: Editora Bruguera, 1984.

OGDEN, T. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

RAIKOVIC, P. *O sono dogmático de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

SACKS, O. *A torrente da consciência* – in *Caderno Mais!* da Folha de S. Paulo, 2004.

SALIBA, A. M. *Por culpa do estranho*. In: _____. *Culpa* (Org. Antônio Franco Ribeiro da Silva) São Paulo: Editora Iluminuras, 1998.

SARTRE, J. *El ser y la nada*. Buenos Aires: Editora Losada 1981.

STEIN, E. *A consciência da história* – in *Caderno Mais!* da Folha de S. Paulo, 2002